

MAMOAS DO NORTE DE PORTUGAL:
ESTADO DA QUESTÃO EM 1981.
I. MINHO E TRÁS-OS-MONTES*

Por Vítor Oliveira Jorge**

Résumé

L'auteur présente un bilan des connaissances sur les tumulus pré-historiques du Nord du Portugal (Minho et Trás-os-Montes) en 1981. Tout en faisant partie de sa thèse de doctorat, ce travail (jusqu'à présent inédit) a été la base des recherches menées depuis le commencement des années 80 dans cette région de l'Europe, non seulement par l'auteur, mais par ses anciens élèves de la Faculté des Lettres de Porto.

1. Minho

1.1. Distrito de Viana do Castelo

O distrito de Viana do Castelo é muito rico em monumentos dolménicos. As concentrações megalíticas iniciam-se aliás junto à fron-

* Texto inédito integrado na dissertação de doutoramento do autor, apresentada em 1982 na Faculdade de Letras do Porto, e intitulada *Megalitismo do Norte de Portugal: o Distrito do Porto – Os Monumentos e a sua Problemática no Contexto Europeu*.

** Professor catedrático da Faculdade de Letras da U. P.

teira (a respectiva linha passa por alguns monumentos), prolongando para sul as necrópoles da zona meridional da província de Pontevedra.

No concelho de *Melgaço*, destaca-se a este respeito a freguesia de Castro Laboreiro. Em finais de 1978, a Unidade Arqueológica da Universidade do Minho realizou o levantamento sistemático das suas mamoaas, integrado num trabalho semelhante extensivo a todo o Parque Nacional da Peneda-Gerês, no qual existiriam cerca de 200 monumentos¹; desses, a maior parte situar-se-ia precisamente no planalto de Castro Laboreiro, a cotas de cerca de 1.200 m². Aí teriam sido identificadas 64 mamoaas e uma cista. É o que se pode ler num folheto sobre a acção da U.A.U.M. intitulado «Actividade Arqueológica – 1976-1900», em que se escreve: «As mamoaas formam conjuntos de 3 a 9 unidades, preferencialmente localizados nas chãs do planalto. A maior parte destes conjuntos encontra-se em aparente relação com um monumento isolado no alto do monte mais próximo. São poucas as mamoaas que se localizam nas vertentes ou no fundo das corgas. O material usado na construção destes túmulos foi o granito, que constitui o substracto de uma larga faixa do planalto do Castro Laboreiro.

«Grande parte destes monumentos sofreu ao longo de diferentes épocas violação da câmara, verificando-se mesmo, nalguns, o desmantelamento parcelar da mamoa» (p. 23).

Todavia, posteriormente, teriam sido identificados mais monumentos (de carácter dolménico e «cistas») que, no seu conjunto, e segundo uma informação pessoal, atingiriam a cifra de 80.

Em 1978, e a convite do Parque Nacional, deslocámo-nos a Castro Laboreiro na companhia de diversos arqueólogos, tendo então observado os monumentos seguintes:

- Mamoaas da Corga das Antas (2), nas proximidades do monte chamado da «Paicota». Trata-se de monumentos de grandes dimensões, muito bem conservados, situados a alguns metros um do outro. Um deles, com cerca de 25 m. de diâmetro, não apresentava sinais de violação, o que é extramamente raro. Segundo o P.^o Aníbal Rodrigues, no Outeiro da Paicota haveria outra possível mamoa;

¹ A. M. Baptista, «A Arqueologia do Parque Nacional da Peneda-Gerês: notas para a leitura de um projecto», texto roneotipado apresentado a uma mesa-redonda sobre o Parque Nacional, 1980, p. 9.

² F. S. Lemos, *Arqueologia do Parque*, «Giesta», 1, 1980, p. 26.

- Mamoa junto da «Pedra Cavalgada», nas proximidades do marco fronteiro n° 18. Destaca-se enormemente na paisagem, sendo de grandes dimensões;
- Mamoas da «Pedra Cavalgada» (4) – conjunto de quatro monumentos, situados de um e outro lado do caminho;
- Mamoas da Corga do Porto dos Bois (3);
- Mamoa do marco geodésico do Giestoso (1337m. de altitude), este marco foi implantado sobre o monumento, que domina inteiramente toda a área visitada;
- Mamoas a sul do marco fronteiro n° 25 (2), situadas nas proximidades da «Mota Furada» ou do Alto da Lama da Paz; uma delas contém ainda elementos da estrutura megalítica. Destacam-se nitidamente na paisagem;
- Dólmen e mamoa da «Mota Furada» – dólmen com corredor (ao que nos informaram, ainda intacto), virado a nascente. A tampa foi partida recentemente em três fragmentos. Laje de cabeceira de grandes dimensões. É notória a forma de alguns esteios da câmara, aparentemente mais largos do que altos. «Mota» é a designação que o povo local dá às mamoas;
- Mamoa da Cabeça de Meda, nas imediações do marco geodésico do Giestoso;
- Dólmen de Pio Carneiro (Portos). Com uma mamoa de grandes dimensões. A laje de cobertura foi partida recentemente. Um dos esteios apresenta três concavidades circulares, cuja origem humana é duvidosa.

Há alguns anos, o Sr. P^e. Aníbal Rodrigues publicou uma pequena nótula sobre os dólmenes de Castro Laboreiro³, segundo a qual eles seriam «geralmente constituídos por sete esteios e uma mesa ou chapéu».

³ «Cadernos Vianenses» t. I, 1978, pp. 186 e 187.

O conjunto megalítico de Castro Laboreiro é, sem dúvida, um dos mais importantes do Norte do país, impondo-se a publicação do inventário realizado, e a efectivação de escavações científicas em alguns monumentos. O facto de as mamoas surgirem nuclearizadas, e de algumas assumirem uma posição dominante na paisagem, relativamente às demais, é também de muito interesse, pois, tal como acontece em algumas neorópoles transmontanas, pode representar uma hierarquização tumular em relação com aspectos sociais, cronológicos, ou tão só simbólicos. A presença, ao que parece, de «cistas» nas proximidades de monumentos de maiores proporções, é também um dado que conviria ser investigado.

Ainda no Alto Minho, um outro concelho fronteiriço que nos importa referir aqui é o de *Valença*, onde foi recentemente feito um levantamento do conjunto megalítico da Chã do Marco da Quebrada, pelo «Grupo de Estudos Arqueológicos do Porto», na sequência de uma visita nossa ao local.

Este conjunto era já citado na «Notícia explicativa da Carta Geológica de Portugal» relativa à folha 1-A (1956); mas aí referiam-se apenas sete mamoas (p. 15). Ora, na realidade, dele fazem parte 11 monumentos, dos quais um foi arrasado recentemente (diâmetros entre c. de 12 e 15m; alt. máx – 1m.). Para lá do carácter arruinado e violado destas mamoas (que mostram, à superfície, vestígios nítidos de couraças pétreas de revestimento), interessa destacar, neste conjunto, a sua implantação numa pequena área planáltica, a 425 metros de altitude, circunscrita por elevações, e correspondente a uma área de passagem, integrada no Monte Faro (freguesia da Gandra). Segundo o relatório elaborado pela equipa do G.E.A.P. (1979), um outro grupo de 3 mamoas foi detectado na área, na Chã da Fonte de Volide, já na freguesia de Taião.

São ainda de citar, neste concelho, duas mamoas situadas no Picoto das Penices, a sul de Gondelim, na confluência com o concelho de Valença (Carta Geológica, folha 1-C).

Relativamente ao concelho de *Vila Nova de Cerveira*, e apesar de não se tratar de um sepulcro megalítico, importa-nos citar aqui a sepultura cistóide da Quinta da Água Branca (freguesia de Lovelhe), descoberta em 1906 fortuitamente e estudada por J. Fortes⁴, dada a excepcional importância de que se reveste para o conhecimento das formas supulcrais da Pré-história recente (prov. I. do Bronze antigo)

⁴ «Portugalia», t. II, 1906.

do Noroeste peninsular. Tratava-se de uma sepultura plana, composta por uma caixa tumular com 2,05 m. de comprimento por 0,65/0,66 m. de largo e 1,02m. de altura, definida por lajes, e encaixada numa fossa aberta na alterite granítica. No seu interior encontraram-se os restos de um único esqueleto, acompanhados de um diadema de ouro, dois anéis simples de ouro, dois anéis em espiral também em ouro, e uma adaga com empunhadura de lingueta, em cobre arsenical. Esta sepultura pode ligar-se, hoje, ao chamado «horizonte de Montelavar» (1800-1700 a.C.)⁵.

E chegamos ao concelho de *Caminha*, cujos monumentos megalíticos são conhecidos desde o tempo de M. Sarmento⁶. O mais célebre de todos é a Lapa dos Mouras ou dólmen da Barrosa (monumento nacional), na freguesia de Âncora (coordenadas geodésicas; 41°48'28" Lat. N.; 0°16'56" Long. E. Lx. – folha 27 da Carta Militar), escavado por M. Sarmento e, mais tarde, por Castro Nunes⁷; a respectiva planta foi publicada em 1938 por G. Leisner⁸. Trata-se de um dólmen de corredor indiferenciado. A câmara é constituída por uma laje de cabeceira com cerca de 2,10 m. de largura, fragmentada, na qual se vêm escorar quatro esteios de cada lado, imbricados (o primeiro do lado sul reduzido à base); cobre-a uma tampa sub-quadrangular, com c. de 3,5 m. de lado e c. de 60 cm. de espessura máxima. A área interior da câmara é de c. de 3,5 m. de comprimento por c. de 3 m. de largo; a altura actual é de, aproximadamente, 2 m.

Quanto ao corredor, é constituído por três esteios do lado norte (o primeiro dos quais ainda relativamente bem conservado, com c. de 1,30 m. acima do nível do solo) e cinco do lado sul, todos imbricados; à excepção daquele primeiro, encontram-se fragmentados, pouco aflorando acima do nível do solo actual. A colocação dos esteios da câmara e do corredor está feita de tal modo que o espaço interior vai estreitando progressivamente no sentido da primitiva entrada do monumento (os dois últimos esteios do corredor do lado norte, relativamente a um observador que saia do interior da câmara, não devem encontrar-se «in situ»). O corredor teria uma extensão

⁵ v. M. Ruiz-Gálvez Priego, *El Bronce Antiguo en la fachada atlántica peninsular: un ensayo de periodización*, «Trabajos de Prehistoria», 1979, pp. 151-172).

⁶ v. principalmente «Dispersos» pp. 89-99.

⁷ v. Mesquita Carvalho, «O Dólmen da Barrosa», 1898; C. Nunes, *Escavações no dólmen da Barrosa (Âncora)*, «Rev. de Guimarães», 1951 e 1955.

⁸ «Verbreitung und Typologie...», tafel VI.

de, pelo menos, 5 metros, pelo que não pode considerar-se «incipiente» como o classifica Castro Nunes⁹. Por seu turno, G. Leisner¹⁰ e Savory¹¹ considerariam este monumento como de corredor indiferenciado tanto em planta como em alçado, mas tal é difícil de afirmar, dado o mau estado de conservação do mesmo corredor.

«Câmara e galeria – escreveu M. Sarmento¹² têm sido revolidas muitas vezes pelos sonhadores de tesouros. A única coisa que lhes escapou foi – um fragmento de machadinha de diorite, quebrada na sua secção longitudinal e conservando uma parte do gume; uma ponta de seta de sílex avermelhado; metade de uma conta de azeviche, de forma oblonga, perfeitamente polida (...); alguns fragmentos de louça grosseira (...)».

No entanto, as observações de Sarmento não foram exaustivas, como o provaram as escavações de Castro Nunes, que além de encontrar algum espólio, remanescente das numerosas violações de que o monumento foi vítima (várias pontes de seta, uma lâmina de sílex, um machado polido de diorite, etc.)¹³, ainda detectou três lajes insculturadas no interior da estrutura dolménica¹⁴. No lugar próprio trataremos destes motivos artísticos e daquele material arqueológico.

Resta acrescentar que ainda subsistem alguns vestígios da mamoa deste monumento que, no entanto, tenderão a desaparecer completamente, se lhe não for assegurada a protecção adequada a um monumento nacional.

Outros monumentos foram referenciados e estudados no vale do Âncora por Martins Sarmento, tais como:

- Anta do Pinhal do Santo de Vile, já então muito arruinada (mas conservando uma mamoa com cerca de 3 m. de altura). Sarmento escreveu¹⁵ «que é monumento do mesmo tipo, que a Lapa dos Mouros, suposto que de mais pequenas dimensões». Nele encontrou ainda uma ponta de seta de quartzo, uma ponta de seta de sílex, um machado polido, etc.;

⁹ Op. cit., 1951, p. 197.

¹⁰ Op. cit., p. 22.

¹¹ «Espanha e Portugal», p. 108.

¹² «Dispersos», p. 91.

¹³ Op. cit., 1951.

¹⁴ Op. cit., 1955.

¹⁵ «Dispersos», p. 92.

- «Cova da Moura», nas imediações da anterior (bouça de Fraião) mas na margem esquerda do Âncora.

Ainda em Âncora e suas imediações (sempre no concelho de Caminha), Sarmento escavou ou referiu outros monumentos como a «Antela da Eireira», a «Antela da Chã das Varges», a «Antela do Maruco das Águas», as «Antelas» do Cruzeiro da Portela e as antas do Monte de Santo Antão. Uma destas últimas – mamoa do Poço da Chã – revelou a Sarmento um corredor ainda bem conservado, pavimentado com um «ladrilho» que «ultrapassava alguns palmos a orla da mamoa»¹⁶.

Pode, assim, concluir-se que a região litoral em referência continha um dos mais significativos grupos dolménicos do Alto Minho.

No concelho de *Paredes de Coura* são também numerosas as mamoas citadas, devendo-se o seu conhecimento a M. Sarmento¹⁷, N. Alves da Cunha¹⁸ e Leite de Vasconcelos¹⁹. São as seguintes:

- Corno do Bico – 8 mamoas numa área aplanada na área leste do concelho²⁰. Duas delas foram revisitadas recentemente no decurso da preparação de um relatório apresentado ao Seminário de Pré-história pelo nosso ex-aluno Anselmo Vieira²¹. Ambos apresentam vestígios de couraça pétreia; uma (no Correchoso) tem um diâmetro de c. de 22 m., e aproximadamente 1,60 m. de altura; a outra (na Chã do Galo), respectivamente, de c. de 30 m. e 2 m.;
- Lameira ou Chã de Lamas (Vascões) – 8 mamoas num «plateau» situado na área leste do concelho²². M. Sarmento transcreve²³ uma carta de Narciso Cunha e José Pestana, em que estes afirmam: «Fizeram-se escavações em dois montículos e verificámos que os mesmos cobriam dólmens regularíssimos, como o de Âncora (Lapa dos Mouros), faltando-lhes em todos as pedras que formavam o tecto, decerto por lhes terem

¹⁶ Op. cit., p. 95.

¹⁷ «Dispersos», pp. 95-97.

¹⁸ «No Alto Minho – Paredes de Coura», pp. 102-109.

¹⁹ «O Arqueólogo Português», 1909, pp. 294-296.

²⁰ A. da Cunha, p. 105.

²¹ «Megalitismo no Alto Minho», pp. 70 e 71.

²² A. da Cunha, pp. 102-105.

²³ «Dispersos», p. 97.

sido roubadas. Têm uma entrada formada por um renque de pedras dum e doutro lado, e uma formidável pedra ao fundo, com disposição igual à de Âncora». Tratava-se, pois, nestes dois casos, de dólmenes de corredor com uma grande laje de cabeceira.

Actualmente, estas mamoadas estão em mau estado de conservação. No seu trabalho, A. Vieira identificou 4: uma («Buraca da Moura») com um diâmetro de c. de 23,5 m. e três esteios «in situ»; outra, muito destruída, de pequenas dimensões (c. de 16 m. de diâmetro e 50 cm. de altura); a terceira, bastante grande, com c. de 28 m de diâmetro e dois de altura; e um esteio «in situ»; e a quarta, com um diâmetro de c. de 13 m., altura de 1 m., e três esteios «in situ». Relativamente a este último monumento, escreve A. Vieira²⁴: «O corte provocado pela estrada mostra a capa protectora do tumulus, constituída por pequenos calhaus. Na base estes calhaus formam um pequeno murete»; também nas duas mamoadas anteriores (2ª e 3ª referidas) se notam vestígios de couraça pétreia, em que entra o xisto e o gneisse;

- Monte do Carvalho – 3 mamoadas, «sem esteios, bastante desfeitas»²⁵;
- Pinhais de Antas (Rubiães) – 3 mamoadas, de «forma muito saliente» e em «linha quase recta»²⁶. Duas foram escavadas por J. Pestana e N. A. Cunha, de cuja descrição (transcrita por Sarmento) se induz que uma delas continha uma câmara poligonal relativamente conservada;
- Portela Pequena da Labruja – nesta chã encontrou A. da Cunha uma mamoadas²⁷;
- Chã do Cossourado – «cinco antas, sem esteios, já muito danificadas», segundo N. A. da Cunha²⁸;

²⁴ Páginas 74 e 75.

²⁵ A. da Cunha p. 107.

²⁶ Sarmento, «Dispersos», p. 96.

²⁷ Op. cit., p. 109.

²⁸ Página 109.

- Serra da Boulhosa – nesta região, em que se encontram as concelhos de Paredes de Coura e de Monção, estudou L. de Vasconcelos quatro monumentos. Um deles (do Coto do Rodelo) apresentava uma câmara poligonal, com seis esteios «in situ»; outro («Forninho do ouro») era composto por uma câmara poligonal, ainda com cinco esteios, e uma entrada marcada por duas pequenas lajes com 1,30 m. de altura máxima (o autor considera-as como «vestígios um corredor», o que nos parece problemático; pode apenas tratar-se de um pequeno «vestíbulo»²⁹.

N.A. da Cunha informa-nos de que «seguinto mais para o poente (...) até à Chã das Pipas, aí deparam-se ao investigador restos de mamoaas, onde já se não encontra nenhum dos esteios»³⁰.

Num dos pontos mais altos da Serra, perto e a NE do marco geodésico de S. Silvestre, a c. de 700 m. de altitude, A. Vieira observou uma mamoa (aliás, como outras duas da região, cartografada na folha 1-C – Caminha, da Carta Geológica de Portugal), «visível desde a maior parte das terras de Coura, a muitos quilómetros de distância»³¹; tem c. de 27 m. de diâmetro e c. de 2 m. de altura;

- A SW do marco geodésico do Facho (437 m), na junção com o concelho de Valença, duas mamoaas, igualmente registadas na Carta Geológica.

Assim, pois, no concelho do Paredes de Coura, tanto para sul, sudeste e leste da sua sede, como para noroeste da mesma, em que se estende a serra da Boulhosa, existem vários núcleos megalíticos importantes. Esta última região está também assinalada na literatura arqueológica pela descoberta que aí fez Leite de Vasconcelos de uma estátua-menir, exposta no Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia. Trata-se de um monumento com uma cabeça genericamente cónica, esboço de braços, e colar; «o local em que estava – escreve L. de Vasconcelos³² – dista alguns hectares de

²⁹ Op. cit.; p. 296.

³⁰ Op. cit., p. 108.

³¹ Op. cit., p. 77.

³² *Esculturas pré-históricas do Museu Etnológico Português*, «O Arqueólogo Português», 1910, p. 32.

um dólmen ao pé do qual uns aldeões disseram que ele havia aparecido». Uma outra laje insculturada apareceu no lugar de Casal, freguesia de Insalde, deste concelho³³, e encontra-se igualmente no Museu Nacional. Acrescente-se que, muito recentemente, A. Martinho Baptista encontrou uma nova estátua-menir, claramente feminina, no Alto Minho, no decorrer das suas pesquisas na área do Parque Nacional da Peneda-Gerês.

E, neste nosso conspecto geral do megalitismo do Minho, passamos agora ao concelho dos *Arcos de Valdevez*, cujas mamoaas foram sobretudo dadas a conhecer por F. Alves Pereira³⁴. Ultimamente, alguns trabalhos foram feitos na zona do Mezio pela U.A.U.M. (relatório inédito, de Janeiro de 1979, cuja comunicação agradecemos) e por A. M. Baptista, em relação com os seus estudos no conjunto de arte rupestre do Gião. São as seguintes as principais áreas megalíticas concelhias:

- Montes da Miranda – 4 mamoaas, detectadas por Cunha Brito, na confluência deste concelho com o de Ponte de Lima³⁵;
- Chã das Arcas – 4 pequenas mamoaas, divididas em dois grupos de duas cada, situadas numa «portela» onde confinam as freguesias de Vale, Grade e São Paio³⁶;
- Alto das Pias – 5 mamoaas, e restos de outras possíveis 4, no Alto das Pias e imediações (freguesia de Vale)³⁷;
- Prados do Vale – 2 mamoaas, e restos de outras possíveis 2, na mesma freguesia³⁸;
- Gião – neste vasto conjunto de arte rupestre, disposto em anfiteatro, a sul do planalto do Mezio (Gião I de A. M. Baptista), existem duas mamoaas, por nós visitadas em Janeiro de 1981. Uma situa-se no alto do Gião, num local de

³³ Ibidem, p. 31.

³⁴ *Um passeio arqueológico no concelho dos Arcos de Valdevez*, «O Arq. Port.», 1902, pp. 193-209; *Novas mamoaas da Serra do Soajo* ib., 1903, pp. 72-75.

³⁵ «O Arqueólogo Português», 1910, p. 316.

³⁶ A. Pereira, op. cit., 1902, pp. 197-198.

³⁷ A. Pereira, op. cit., 1903, pp. 72-74.

³⁸ Id., ib., 74-75.

onde se domina toda a região, e é uma mamoa com couraça lítica de revestimento (blocos e grandes lajes graníticas); são nítidos dois esteios do dólmen, um dos quais baixo e largo. Outra localiza-se no próprio interior do «anfiteatro»; está em mau estado de conservação, mas apresenta lajes enormes, encaixadas umas sobre as outras, a formar a couraça lítica de revestimento. Esta modalidade particular de couraça parece estar relacionada com a facilidade de obter grandes lajes no local³⁹;

- Alto ou Chã do Mezio – 16 mamoaas, situadas numa vasta chã entre os montes de Guidão e Gião⁴⁰, a cotas que oscilam em torno dos 700m. A sul da estrada de Cabana Maior para Soajo, existem três, aproximadamente alinhadas no sentido N-S, para oeste do caminho que desce do Gião. Uma delas apresenta vários cruciformes gravados num dos esteios ainda «in situ», bem como numa das lajes da mamoa, quanto a nós pós-megalíticos⁴¹. Mais para norte, perto da vedação onde se guardavam alguns javalis, no cruzamento da estrada principal com outra que segue para norte, e à margem desta última, existem diversos monumentos, alguns dos quais assinalados com tabuletas do Parque Nacional. O primeiro com que o observador depara é uma mamoa de grandes dimensões, relativamente bem conservada, com uma câmara poligonal de esteios imbricados, larga laje de cabeceira, e vestígios nítidos de corredor; o «tumulus» foi parcialmente cortado pela estrada principal. Mais a norte, do lado oeste da estrada secundária, existe um monumento descrito por A. Pereira com o nº 4, cuja câmara poligonal (com c. de 2,80 m. de diagonal) está bem conservada, e tem a particularidade de ser coberta por três tampas sub-rectangulares dispostas «em escada»⁴²; a entrada faz-se por uma abertura entre esteios praticada por violadores, mas é possível que a anta tenha um corredor, ainda completamente coberto pela mamoa; é um dos monumentos que mais importaria escavar, nesta zona.

³⁹ Ambas as mamoaas são citadas no trabalho de Baptista sobre A arte do Gião, «Arqueologia», nº 3, p. 63.

⁴⁰ A. Pereira, op. cit., 1902, pp. 199-204.

⁴¹ v. A. M. Baptista, op. cit., p. 63, fig. 13.

⁴² V. op. cit. daquele autor, 1902, p. 201.

O relatório da U.A.U.M. acima citado refere-se a mamoaas deste conjunto, situadas entre a laje de Chãos, a norte, e o Viveiro do Mezio; aí foram cartografadas (na planta aerofotogramétrica de 1/5000) sete mamoaas, cinco das quais (entre o Porto do Carro e o Couto da Soalheira) alinhadas, «grosso modo», no sentido NW-SE;

- Chã do Porredo, freguesia de S Jorge – uma mamoa, cujo «tumulus» F. A. Pereira descreve deste modo: «(...) constituído de terra e cascalho grosso, abundante no monte, mas em redor da câmara ou das suas ruínas estão colocadas, contiguamente, séries de pequenas lascas de pedra em disposição imbricada inversa, isto é, assentes como as lousas de um telhado de ardósia⁴³;
- Alto das Raposas – para leste da Chã do Porredo, quatro mamoaas descritas também por F. A. Pereira⁴⁴;
- Alto do Sobredinho – uma mamoa⁴⁵;
- Coto de Vilar de Ossos – seis mamoaas, construídas com terra e «lascas de pedra»⁴⁶;
- Chã do Torrão, na freguesia de Gondoriz – três mamoaas, segundo F. A. Pereira⁴⁷;
- Lamas de Vez – superfície aplanada, a grande altitude (1258-1288 m.), onde F. A. Pereira identificou seis mamoaas⁴⁸;
- Chão do Calcado – à cota de 1250 m., duas mamoaas⁴⁹;
- Alto do Campelo – uma mamoa, neste local elevado da freguesia da Gavieira (1115 m.)⁵⁰;

⁴³ Op. cit., 1902, p. 204.

⁴⁴ *Ib.*, p. 205.

⁴⁵ F. A. Pereira, *ib.*

⁴⁶ *Ib.*, p. 206.

⁴⁷ Op. cit., 1910, p. 198.

⁴⁸ *Ib.*, p. 206.

⁴⁹ F. A. Pereira, *ib.*, p. 207.

⁵⁰ *Ib.*, pp. 207-208.

- Serra da Anta, no extremo noroeste do concelho – uma mamoa, a 796 m. de altitude, seg. A. Pereira⁵¹.

De modo algum esta lista esgota os monumentos megalíticos do concelho. O próprio Alves Pereira, após descrever 46 deles⁵², acrescenta diversos nomes de lugares onde lhe consta existirem também tais monumentos.

Façamos agora uma referência às mamoas do concelho de *Ponte da Barca*, que prolonga para sul o anterior⁵³.

São as seguintes:

- Boivães – 5 mamoas, situadas numa chã (Monte de Giestoso), entre os altos de Penacovas e de Pegadinha, às cotas aproximadas de 475-500 m. (freguesia de Lavradas). Quatro delas vêm cartografadas no mapa geológico. Anselmo Vieira⁵⁴, que as visitou, descreve três mamoas maiores (com diâmetros compreendidos entre 22 e 24,5 m.) e duas mais pequenas (uma delas com 13 m. de diâmetro); destas, uma situa-se nas imediações de uma das primeiras, a outra está afastada do conjunto. Alguns, pelo menos, destes monumentos, apresentam couraça lítica de revestimento;
- Porto Bom – duas mamoas na divisória dos concelhos de Ponte da Barca e de Ponte de Lima, a sul do conjunto anterior (freguesia de Crasto). A mamoa que fica no concelho de Ponte da Barca tem um eixo maior de c. de 21 m. no sentido N-S e um menor de c. de 17 m. no sentido E-W; apresenta couraça pétreas⁵⁵;
- Danaia – três mamoas para norte de Aboim da Nóbrega, na confluência do concelho de Ponte de Barca com o de Vila Verde, a que aquela freguesia já pertence. Cota aproximada: 650 m. (duas delas vêm cartografadas na Carta Geológica, folha indicada). Os seus diâmetros oscilam entre 12 e 30 m⁵⁶;

⁵¹ *Op. cit.*, p. 208.

⁵² «O Arq. Port.», 1910.

⁵³ V., sobre o assunto, «Carta Geológica de Portugal» na esc. de 1/50000, folha 5-B – Ponte da Barca, e respectiva notícia explicativa, 1975, p. 57.

⁵⁴ *Op. cit.*, pp. 67-69.

⁵⁵ A. Vieira, *op. cit.*, pp. 66-67.

⁵⁶ A. Vieira, pp. 30-31.

- Chã da Porta Cerdeiros, entre Redondo e Porta Cerdeiros (freguesia de Nogueira, a sul de Ponte da Barca). Mamoas citadas na notícia explicativa da Carta Geológica (p. 57);
- Britelo (Serra Amarela), alguns grupos megalíticos⁵⁷.

Um outro concelho extremamente rico em megalitismo é o de *Ponte de Lima*. Os seus monumentos têm sido referidos em diversos trabalhos, como o de Cunha Brito⁵⁸, de Abel Viana⁵⁹, de M^a de Fátima da S. Melo⁶⁰. O Sr. P^º. Manuel Dias tem também realizado intensas prospecções no concelho, secundado, depois, por A. Vieira⁶¹. A própria toponímia concelhia é abundante em alusões a monumentos deste tipo: «Mamoá» (em Vilar das Almas, Correlhã, Quintiães, Arcozelo), «Madorna» em Moreira de Lima e na Facha, «Madorno» em Vitorino das Donas, «Madorninho» na Facha, «Anta» na Correlhã, «Antelas» a NE de Moreira de Lima, etc., etc.

São os seguintes os monumentos e conjuntos mais importantes do concelho:

- Arcos (S. Pedro) – nesta área da margem direita do Lima, existem vestígios de duas mamoas⁶²;
- Sá – no lugar de Cabrão, desta freguesia, restos de uma mamoá de pequenas dimensões⁶³;
- Faldejães – duas mamoas, descobertas neste lugar da freguesia de Arcoselo pelo P^º. Manuel Dias (1956): a do Monte da Cerca e a do Monte de S. Lourenço ou da Aguada. Ambas têm cerca de 12m. de diâmetro⁶⁴;

⁵⁷ S. Lemos, in «Giesta» 1, p. 27.

⁵⁸ *Antas do concelho de Ponte de Lima*, «O Arq. Port.» 1910, pp. 313-317.

⁵⁹ *Justificação de um cadastro de monumentos arqueológicos para o estudo da Arqueologia do Alto-Minho*, «An. Dist. V. Castelo», VI, 1932, pp. 11-24.

⁶⁰ «Arqueologia do Concelho de Ponte de Lima», diss. de licenc., Fac. de Letras de Lisboa, 1967.

⁶¹ Rel. citado, pp. 34-65.

⁶² A. Vieira, pp. 61 e 62.

⁶³ Vieira, p. 62.

⁶⁴ Vieira, p. 48.

- Labruja – nesta freguesia existiriam duas mamoadas, na Portela Grande e no Monte da Queijadeira, mas A. Vieira não conseguiu localizá-las⁶⁵;
- Montes da Miranda – nesta área, que separa o concelho de Ponte de Lima do dos Arcos de Valdevez, encontrou Cunha Brito sete mamoadas, três das quais pertencentes ao primeiro daqueles concelhos⁶⁶. Todas estas mamoadas se encontram grosseiramente alinhadas, o seu diâmetro varia entre os 8 e os 24 m.⁶⁷;
- Labrujó – nesta freguesia do nordeste do concelho, existe um monumento que aparentemente corresponde aos restos de um dólmen que aproveitou, como laje de cabeceira, um penedo granítico de forma arredondada, com c. de 1 m. de altura aocia do solo. Os restantes 8 esteios (alguns dos quais nada garante estarem na posição original) definem uma pequena câmara poligonal com cerca de 2,5 m. de diagonal. Não existem restos de mamoadas. O monumento está cristianizado (uma cruz de pedra sobre o afloramento e uma outra gravada na sua face alisada, voltada ao interior da câmara)⁶⁸;
- Pinhal dos Carreiros – oito mamoadas, descritas por Cunha Brito⁶⁹, e situadas entre os territórios das freguesias de S. João da Ribeira e de Arca. Na notícia explicativa da Carta Geológica, folha 5-A (p. 37), somos informados de que só restariam sete, por uma ter sido arrasada. Os seus diâmetros oscilam entre os 10 e os 22 m.⁷⁰;
- Monte do Lousado – cinco mamoadas para sul dos dois conjuntos anteriores (freguesia de Serdedelo), detectadas por M. Dias (*ib.*); delas, restam apenas três, seg. Vieira⁷¹;

⁶⁵ Op. cit., p. 62.

⁶⁶ «O Arq. Port.», 1910, pp. 316-317.

⁶⁷ Vieira, pp. 50-52.

⁶⁸ Vieira, pp. 53-54.

⁶⁹ Op. cit., pp. 314-316.

⁷⁰ Vieira, pp. 44-47.

⁷¹ Op. cit., p. 44.

- Monte de S. Lourenço da Armada – na Chã da Paúl, um conjunto de três mamoadas, assinaladas pelo P^c. Dias (Notícia explicativa da Carta Geológica – folha 5-A, p. 38) diâmetros compreendidos entre os 15 e os 20 m., aproximadamente. Na Chã da Cadeira, também na freguesia de Serdedelo, três mamoadas alinhadas aproximadamente no sentido N-S; uma está em muito mau estado de conservação; as outras duas têm um diâmetro de 11 e 15 m., respectivamente⁷². Na Chã das Lajes, na extremidade ocidental do Monte da Armada, existe uma mamoadas, com c. de 10 m. de diâmetro⁷³. Finalmente, em Porto Bom (freg. de Beiral do Lima), encontra-se uma grande mamoadas com cerca de 25 m. de diâmetro, nas proximidades de uma outra, esta já no concelho de Ponte da Barca⁷⁴;
- Boalhosa – nesta área encontra-se um importante conjunto megalítico: Chã das Cabras – duas mamoadas, uma das quais ainda com esteios visíveis, teriam sido descobertas nesta chã, a norte do Monte de Oural (freguesia de Boalhosa), pelo Pe. P^c. Manuel Dias (Notícia explicativa da Carta Geológica, folha 5-A, p. 38). A Vieira identificou aqui quatro monumentos, três de maiores dimensões (com diâmetros compreendidos entre os 19 e os 21m.) e um mais pequeno, nas proximidades de um deles. Numa destas mamoadas (aquela que se situa na extremidade norte do conjunto) teriam sido feitas escavações, de que resultou a descoberta de um pequeno vaso cerâmico⁷⁵. Por seu turno, a poente do Monte de Oural, para sul e sudoeste da sede da freguesia de Boalhosa, estende-se um conjunto de cinco mamoadas. A primeira delas (de nascente para poente) encontra-se na Chã das Arcas, junto àquela povoação, e tem c. de 20 m. de diâmetro; a segunda, com c. de 14m. de diâmetro, fica no Coto do Outeiro; a terceira, a mamoadas do Folão, tem cerca de 27 m. de diâmetro; a quarta tem c. de 21 m. de diâmetro; a quinta, muito destruída, conserva no entanto ainda restos evidentes da anta⁷⁶;

⁷² Vieira, pp. 39-40.

⁷³ Vieira, p. 38.

⁷⁴ Vieira, p. 37.

⁷⁵ Vieira, op. cit., p. 35.

⁷⁶ Vieira, pp. 55-57.

- Fornelos – duas mamoadas, no Monte da Aguada⁷⁷;
- Anais – A. Viana localiza aqui uma mamoadas⁷⁸;
- S. Julião do Freixo – três mamoadas referidas e descritas por Cunha Brito⁷⁹, uma das quais com c. de 22 m. de diâmetro;
- Fojo Lobal – duas mamoadas, uma das quais com c. de 14 m. de diâmetro⁸⁰.

Resta-nos referir-nos ao concelho de *Viana do Castelo*, para concluir o distrito do mesmo nome. Aqui, foi assinalada a presença de mamoadas nos seguintes locais:

- Serra de Arga – A. Viana referiu-se a dois monumentos existentes nesta serra⁸¹, um deles mostrando à superfície o «pedregulho» de uma possível couraça de revestimento, e sem «restos aparentes de dólmen». Não precisou, no entanto, a sua localização concreta. J. Rosa Araújo⁸², por seu turno, referiu-se às mamoadas da Chã de Jalielas: «A Chã de Jalielas apresenta o Alto da Coroa, com curiosas fortificações circulares e concêntricas a defenderem uma mamoadas situada no alto e várias outras mamoadas, todas esventradas pelos buscadores de tesouros». Não pode considerar-se autêntico o pretenso dólmen de Portinho da Vila de que falou Simões Viana⁸³, embora tenha já interesse a sua informação de que existiriam cistas na Chã da Pica, perto de Jalielas, e no Alto do Azinhal, já na freguesia de Amonde (*ib.*, p. 101);
- Amonde (seg. a «Notícia explicativa» da Carta Geológica, folha 5-A, p. 37);

⁷⁷ Vieira, p. 60.

⁷⁸ *Justificação de um cadastro...*, mapa.

⁷⁹ *Op. cit.*, p. 517.

⁸⁰ Vieira, p. 59.

⁸¹ Alguns instrumentos de pedra polida no Alto Minho, «Arq. Alto Minho», vol. V, p. 17.

⁸² «Arquivo do Alto Minho», 1957, vol. VII, p. 94.

⁸³ «Alto Minho», nº 1, p. 100.

- Afife (mapa de A. Viana, inserto em *Justificação de um cadastro ...*);
- Carreço (A. Viana assinala aqui uma mamoa e uma anta (*ib.*));
- Perre (mamoa – *ib.*); a noroeste desta localidade, existe o topónimo «Madorra»;
- St^a Maria de Geraz do Lima (A. Viana assinala aqui uma mamoa (*ib.*));
- Leão (uma mamoa, cartografada no Mapa Arqueológico de F. Lanhas, folha 5-A);
- Imediações do Monte Santinho (V^a Franca do Lima) – vários monumentos megalíticos⁸⁴;

Neves, Mujães – A. Viana⁸⁵ refere-se a uma mamoa neste local, e G. Leisner indica aí a presença de um dólmen de corredor⁸⁶;

- Capelas, freg. de Capereiros – havia aqui «uma anta, já muito desmantelada»⁸⁷;
- Alvarães – mamoas existentes nas imediações da estrada que de Barcelos liga à estrada nacional Porto-Viana (inf. Cónego Luciano dos Santos, Braga);
- Carvoeiro – uma mamoa a N. da estrada Viana – Balugães, perto de Trás do Mosteiro (detectada por C. A. Brochado de Almeida).

Particularmente interessante é o monumento conhecido por «Cova da Moura», escavado por Abel Viana em 1931⁸⁸. Situa-se no pinhal da Mata, na freguesia de Carreço. Aliás, não se encontra iso-

⁸⁴ Quintas Neves, in «Actas do I Cong. Nac. de Arq.», vol. I, p. 355.

⁸⁵ *Justificação de um cadastro ...*, p. 19.

⁸⁶ «Verbreitung...», p. 68.

⁸⁷ Falcão Machado, Barroselas, «Cad. Vianenses», T. I, 1978, p. 183.

⁸⁸ V. «Crónica do III Congresso Nacional de Arqueologia», Zaragoza, 1955, pp. 481-497.

lado, pois, como escreve o autor, «perto desta grande mamoa há outros montículos artificiais, não explorados» e, não longe, na Veiga de Carreço, existem os sítios de «Veiga da Anta, Veiga de Mámoa e Veiga das Modorras, com montículos de terra e calhaus rolados (...)» (p. 481). Sobre aqueles primeiros montículos, Viana acrescenta que «o maior tem 14 metros de comprimento por três de largo, sendo a altura, em todos eles, cerca de 2 metros. Todos estes amontoados de pedras são mais ou menos cobertos de terra. O feitio destes «tumuli» secundários confirma a ideia que temos acerca do modo de formação do monumento funerário principal» (p. 482).

Não estamos aqui perante um monumento megalítico, mas sim, eventualmente, perante um túmulo colectivo de incineração, a ajuizar pela minuciosa descrição das escavações (infelizmente realizadas segundo uma metodologia pouco adequada, à luz dos conhecimentos actuais). As próprias dimensões já nos dizem algo da sua importância. 48 m. de eixo maior N-S e 28 m. de eixo menor E-W; altura máxima de 8 m. de um dos lados (N) e de 11 m. do oposto. Pela pequena planta publicada (est. I), parece tratar-se de um monumento grosseiramente ovóide, ou elíptico, encostado a um afloramento rochoso, construído pela sobreposição de diversas camadas, regularmente dispostas: camada de terra vegetal superior, sobreposta a um ou vários níveis de saibro, contendo por vezes «barro fino»; depois, na parte central do monumento, uma «fila de pedras maiores, regular e horizontalmente dispostas», sobre uma camada de cascalho e terra vegetal; subjacente, uma «camada de pedregulho» e lajes, sobrepostas a depósitos de cinzas. Estes depósitos estavam colocados a diversas cotas, e tanto ao centro como na periferia do «tumulus», parecendo o resultado de utilizações sucessivas. A ampará-los, uma «parede de suporte», contra a qual se foram encostando possíveis ampliações do montículo. «Assim o montículo foi crescendo – escreve o autor, p. 489 –, aqui e ali amparado ou reforçado por lajes de suporte, até chegar, finalmente, ao enormíssimo tamanho com que veio a nossos dias». Entre o espólio, Viana encontrou, além de numerosos seixos rolados talhados, muitos deles provavelmente anteriores à época do monumento, e provenientes dos níveis de praias elevadas próximos, uma laje grosseiramente antropomórfica, e uma «foicinha» de bronze, com base na qual o autor datou o monumento do «Bronze atlântico», não nos explicando como é que com base num único artefacto, encontrado no seio do «tumulus», é possível datar todo um monumento que o próprio autor considera ter-se constituído progressivamente.

1.2. Distrito de Braga

Se o Alto Minho é extremamente rico em monumentos megalíticos – talvez um mínimo de uns duzentos e cinquenta monumentos, em contagem muito genérica, e indicada apenas como uma medida de grandeza, sem contar com muitos que foram certamente destruídos, a ajuizar pela toponímia e pelos documentos antigos – o distrito de Braga é também, neles, muito abundante, a comprovar a continuidade de uma mancha de distribuição, que se poderia subdividir em três: uma costeira, em «plateaux» baixos próximos do litoral, e outras duas interiores, nos planaltos escalonados a diferentes cotas, e apenas interrompidas pelos vales dos rios.

Começamos, agora, pelo concelho de *Terras do Bouro*.

São os seguintes os monumentos assinalados neste concelho:

- Borrageiro, na Serra do Gerês⁸⁹;
- Campo do Gerês – a SE desta povoação (sede de freguesia) da Serra do Gerês, encontram-se cartografadas duas mamoadas no mapa geológico (folha 5-L – Ponte da Barca); uma terceira acha-se assinalada na mesma carta, a sul daquela povoação, perto da antiga via romana. Altitude aproximada destes monumentos: 625 m.;
- Seara – a NE desta povoação da freguesia de Monte, duas mamoadas, indicadas na carta geológica (mesma folha). Cota aproximada: 875 m.;
- Campos Abades – para NW desta povoação da freguesia de Monte, sete mamoadas marcadas na carta geológica (mesma folha). Cota aproximada: 800 m.;
- Vilar da Veiga – uma mamoadas assinalada na carta geológica, para NW da sede desta freguesia, perto da extremidade norte da albufeira da Caniçada, entre os marcos geodésicos de Escuredo e Caça. Cota aproximada: 400 m.;

⁸⁹ S. Lemos, in «Giesta», vol. 1, p. 27.

- Chã Grande – para NE desta localidade, entre o Alto de Moraço e o Alto das Cadeiras, na extremidade sul do concelho, três mamoas marcadas na carta geológica, às cotas aproximadas de 625-675m.

Vejamos, de seguida, os principais conjuntos de monumentos do concelho de *Vila Verde*:

- Barrete – a SW da sede da freguesia de Gondomar, e a SE do marco geodésico de Barrete, a c. de 700 metros de altitude absoluta, situa-se uma mamoá, seg. a Carta Geológica (folha 5-B);
- Bustelo – na freguesia de Prado (S. Miguel), encontra-se um importante conjunto de mamoas, entre os marcos geodésicos de S. Miguel (499 m), a NE, e de Borrelho (495m.), a SW. A Carta Geológica (folha antes citada) assinala oito monumentos; mas A. Vieira, no seu relatório, apresenta 27 (pp. 20-27), cujas características gerais se podem assim esquematizar:

Nº	Dimensões aproximadas		Observações
	diâm./eixo maior	altura	
1	25 m	2 m	Ligeir.º Oval
2	30 m	2,70 m	Ligeir.º Oval Couraça pétrea?
3	22,5	1,30 m	Circular 1 Esteio Couraça pétrea?
4	15 m	–	Circular 1 Esteio Couraça pétrea?
5	–	–	Mesmas caract. da anterior
6	–	–	–

Nº	Dimensões aproximadas		Observações
	diâm./eixo maior	altura	
7	20 m	1 m	Circular 3 Esteios Couraça pétrea?
8	–	–	Circular
9	30 m	2 m	Circular Couraça pétrea?
10	15 m	–	Circular Couraça pétrea?
11	30 m	3 m	Circular 2 Esteios
12	20 m	1,5 m	Circular
13	12 m	–	–
14	–	–	–
15	15 m	2,30 m	Circular Couraça pétrea?
16	8 m	1 m	Circular 2 Esteios
17	5 m	–	Couraça pétrea?
18	20 m	1,5 m	–
19	10 m	–	–
20	15 m	1 m	–
21	–	–	–
22	25 m	2 m	1 Esteio
23	–	2 m	–
24	25 m	2,5 m	Circular 1 Esteio
25	12 m	–	–
26	12 m	1 m	–
27	–	–	–

- Chã de Couce – entre Duas Igrejas e Dossãos, uma mamoa assinalada na Carta Geológica (mesma folha). Cota aproximada: 425 m.
- Moinho Velho – para leste da Portela das Cabras, junto ao marco geodésico do Moinho Velho (462 m.), uma mamoa, assinalada na citada folha da Carta Geológica;
- Esqueiros – para ocidente do alto (castro) de St^a Engrácia, a NW de Vila Verde, uma mamoa, assinalada na Carta Geológica (mesma folha); cota aproximada: 175 m.
- Monte do Oural – neste «plateau» situado na confluência dos concelhos de Vila Verde, Ponte de Lima e Ponte da Barca, A. Vieira descreveu duas mamoas⁹⁰, uma com 9 metros de diâmetro e 1 de altura, a outra, enorme, com 25 m. de diâmetro e c. de 3 m. de altura.

Observemos agora o que se passa no concelho de *Barcelos*. A começar, registemos o facto de em Durrães, a norte do concelho, se verificar a existência de mamoas, uma das quais revelou, há alguns anos, um «vaso de fundo redondo», uma braçadeira de arqueiro e uma ponta de cobre de tipo Palmela, já sem espigão (inf. pessoal de A. Vieira). Nas proximidades, em S. Bento de Balugães, foi encontrado o célebre diadema do Bronze antigo, articulável com o «horizonte de Montelavar, no qual aqueles achados de Durrães não destoariam.

Outras mamoas ocorrem nos seguintes locais:

- Fragoso – Martins Sarmiento referiu-se a cinco mamoas do Monte de Enfias, Fragoso, acrescentando que «na mesma chã, e à vista das mamoas, há três montões de terra de forma elipsóide, todos eles de diferentes dimensões, um dos quais, o mediano, tem quarenta e cinco passos no eixo maior, dezasseis no menor. A altura regula por quinze palmos⁹¹. Por seu turno, a Carta Geológica, folha 5-C – Barcelas, cartografa cinco mamoas a SW de Tregosa, e a Norte de Fragoso;

⁹⁰ Páginas 32-35.

⁹¹ «Dispersos», p. 157.

- Santo André de Palme – no lugar de Vilar, duas mamoaas descritas por Isabel Correia⁹², à altitude absoluta de 260 m. Uma tem 14 m. de diâmetro por 1 m. de altura; outra, 18 m. de diâmetro por 0,5 m. de altura. Encontram-se a. c. de 950 m. de distância uma da outra. No lugar de Sobreiro do Rei, existe um terceiro monumento, à cota de 220 m., com um eixo maior de c. de 16 m., e menor de c. de 12 m.; alt. – 0,80 m.;
- Feitos – uma mamoa, no lugar de Sião, referida no relatório acima citado; cota – 260 m.; dimensões – eixo maior – 11 m., eixo menor – 9 m.; alt. – 0,5 m.;
- Gilmonde – para leste da sede desta freguesia, uma mamoa, à cota aproximada de 30 m.; eixo maior e menor, respectivamente, de 19 e 16 m.; alt. – 0,80 m. É assinalada na Carta Geológica (mesma folha) e no relatório citado;
- Remelhe – para SE desta localidade, a norte da Quinta do Perdigão, uma mamoa, cartografada no mapa geológico (folha citada).

E chegamos ao concelho de *Esposende*, muito rico em manifestações megalíticas, estudadas desde os tempos de Martins Sarmiento; aliás, já Contador de Argote menciona um dólmen pintado deste concelho:

«Entre os anos de mil seiscentos e oitenta e quatro e oitenta e cinco sendo ouvidor de Barcelos Francisco Mendes Galvão que actualmente é procurador da coroa e desembargador do Paço, junto à vila de Esposende em um campo no meio do qual estava um montinho de terra, dos a que vulgarmente naquela província chamam *mamoas*, e sobre ele plantado um pinheiro, apareceu um dia escavado e derrubado, e se achou debaixo uma casinha fabricada de quatro pedras grandes de seis a oito palmos, as quais estavam todas debuxadas com vários caracteres e figuras de que não lembra a forma por não tomar tento nisso. Por cima das tais quatro pedras estava outra que servia de tecto. Debaixo não tinha pedra mas era terra barrenta e com alguns carvões. E porque se entendeu que a

⁹² Relatório apresentado ao Sem. de Pré-história da Faculdade de Letras do Porto.

sobredita terra e pinheiros foram escavados de noite para efeito de roubar algum tesouro que ali estivesse se deu parte ao ouvidor de Barcelos o qual foi lá com outro ministro e do que acharão deram aviso ao concelho da Fazenda»⁹³.

As únicas freguesias em que hoje ocorrem monumentos megalíticos neste concelho são as de Vila Chã e S. Paio de Antas. No entanto, existem notícias ou indícios de que mamoaas existiram ou podem ter existido noutras freguesias. Entre estas está a de Forjães, onde se observam umas «quase destruídas elevações artificiais situadas no pequeno planalto sobranceiro à ribeira da Aldeia no lugar da Madorra (...)», que, no entanto, não se sabe se são «remi-niscências de antas»⁹⁴. Outro caso é o de S. Bartolomeu do Mar, onde, escreve B. de Almelda, «fomos informados que há anos atrás havia no lugar de Cima, na Chã que antecede a vertente meridional do Monte Castro ou Sanfins, uma mamoa, à qual o povo dava o nome de Penedo da Moura» (p. 8).

Mas citemos os locais em que actualmente surgem megálitos:

- S. Paio de Antas – Num antigo relatório escolar, manuscrito, existente no Instituto de Antropologia da Fac. de Ciências do Porto (cuja comunicação agradecemos ao Dr. A. Huet B. Gonçalves), escreve-se: «Junto da agra de Antas, na ligação da estrada que vai da Igreja de S. Paio de Antas para Forjães com a pequena estrada conduzindo à propriedade do Sr. Armando Azevedo, há a mamoa chamada da quinta dos Cunhas (Correia de Oliveira). Foi escavada em tempos recentes, existindo no solar de Belinho uma pedra desta mamoa. «Mais distante da Igreja de S. Paio vi a mamoa da Sentieira formando uma elevação com 10 metros de diâmetro na parte mais elevada, com uma depressão central. «Numa elevação junto da Igreja de S. Paio d’Antas há uma pedra ligeiramente inclinada com cerca de 1,70 m. de altura, que poderia ser um esteio de uma anta, ou um menir». (p. 1). Mais recentemente, C. A. Brochado de Almeida, no relatório acima citado, voltou ao assunto, dando-nos uma descrição mais pormenorizada daquelas duas mamoaas, e do menir

⁹³ «Memórias para a História Eclesiástica do Arcebispado de Braga», vol. III, p. 1519; Cit. parcialmente por M. Sarmiento, «Dispersos», p. 153.

⁹⁴ C. A. Brochado de Almeida, «O Megalitismo no Concelho de Esposende», relatório apresentado à cadeira de Pré-história Peninsular da Faculdade de Letras, p. 7.

sobre o qual publicou um estudo⁹⁵. Este situa-se, como vimos, numa pequena colina das imediações da Igreja de S. Paio de Antas, ao norte da estrada que vai de Forjães para aquela freguesia, no lugar de «Monte». É granítico, de secção sub-elíptica, e com cerca de 1,70 m. de altura acima do solo; encontra-se ligeiramente inclinado para sul. Localmente é conhecido pelo nome de «Anta», «Pedra a pé» ou «Monumento». Incluímo-lo no nosso trabalho *Menhirs du Portugal* (1977).

Deve dizer-se, de passagem, que duas formas naturais que, no Norte de Portugal, foram apresentadas como menires, o não são na verdade: um é o «menir das Turrinheiras» (Cabeceiras de Basto), publicado nos estudos do Cong. do Mundo Português⁹⁶, sobre o qual escreveu C. Teixeira: «Trata-se, apenas, de uma forma curiosa de disjunção e erosão do granito»⁹⁷; o mesmo se pode dizer do «Penedo Longo» de Amarante, como tal anteriormente relatado, mas recentemente editado em postal pela respectiva Câmara, como «provável menir fálico».

Por aqui se pode ver a importância do menir de S. Paio de Antas, cuja redescoberta ficamos a dever a Brochado de Almeida, e que, com o de Luzim (Penafiel), é exemplar raríssimo em Portugal, ao N. do Douro;

– Vila Chã – freguesia onde foram descritos catorze monumentos, situados entre 150 e 280m. de altitude⁹⁸.

Os dados fundamentais podem esquematizar-se no quadro seguinte:

⁹⁵ «O Menhir de S. Paio de Antas-Esposende», 1979.

⁹⁶ 1940, vol. I, pp. 205-206.

⁹⁷ «Rev. Guimarães», 1948, p. 111.

⁹⁸ Relatório de C. A. Brochado de Almeida acima citado, e um outro, da autoria de Isabel Correia, apresentado ao Seminário de Pré-história da Faculdade de Letras; v. também M. Sarmiento, «Dispersos», pp. 154-156.

Nº	Lugar	Dimensões aproximadas		Designação/Observações
		Diâm./Eixo m.	Alt.	
1	Figueiró	10 m.	0,80 m.	Mamoas de Figueiró
2	Outeiro	19 m.	1 m.	Mamoinha do Outeiro
3	Outeiro	—	1,50 m.	Mamoas da Bouça Nova
4	Outeiro	22 m.	0,80 m.	Mamoas da Estrada
5	Arribada	19 m.	2,50 m.	Mamoas da Arribada
6	Sobreiro	18 m.	1,50 m.	«Antela» da Portelagem
7	Descampado	20,50 m.	1,50 m.	Mamoas do Descampado
8	Rapido	16 m.	0,50 m.	Mamoinha 1 da Bouça do Rapido
9	"	15 m.	0,80 m.	Mamoinha 2 da Bouça do Rapido
10	Rapido	19 m.	2 m.	Mamoinha 3 da Bouça do Rapido
11	Maceira	18 m.	2 m.	Mamoinha do Monte da Cerca (dólmen de corredor)
12	Pico da Serra	19 m.	1,50 m.	Mamoinha 1 da Serra
13	Pico da Serra	12 m.	0,50 m.	Mamoinha 2 da Serra
14	Pico da Serra	—	—	Mamoinha 3 da Serra

Sobre a Mamoinha do Monte da Cerca (acima indicada com o nº 11), vale a pena transcrever o relato de trabalhos de emergência aí realizados por Brochãdo de Almeida (relatório referido, pp. 14-16): «Esta mamoa foi a única que não foi escavada por Martins Sarmento e das oito que ele conhecia. Contudo há cerca de dois anos a cata aos tesouros escondidos surgida na imagem de dois discípulos de S. Cipriano, levou a que fosse violada e a terra toda revolvida. Fomos avisados do sucedido e para lá nos dirigimos (...). Reparámos que tudo estava revolvido principalmente no interior da anta. Na presença de tal desolação tentámos na medida do possível recolher pelo menos o espólio, se é que o havia (...). Depois deste trabalho (...), tentámos levar até ao terreno natural a escavação tão

anormalmente começada. (...) na base do 1º pilar direito, encontramos um objecto em prata (...). Dentro da câmara, que é mais ou menos rectangular, e à entrada do pequeno corredor, recolhemos muito carvão (...).

«A câmara propriamente dita é constituída por nove pedras de grandes proporções. O fundo da câmara é formado por uma só grande pedra [laje de cabeceira] e tanto o lado direito como o lado esquerdo é constituído por quatro pedras de cada lado dispostas de modo a travarem-se umas às outras. O corredor é pequeno, tendo de um lado (direito de quem entra) uma grande laje e do outro lado (o esquerdo) três esteios mais pequenos que os que formam a câmara. Os pilares da câmara andam pelos 1,80 m. de alto; a câmara propriamente dita tem de largo 1,90 m. por 2 m. de comprido. O corredor como já dissemos é muito pequeno, com cerca de 1,5 m. de comprido por 0,50 m. de largura. Tanto o corredor como a câmara estavam desprovidos da respectiva cobertura».

Sabemos que existem monumentos megalíticos em diversos outros concelhos do distrito de Braga, alguns dos quais não abordaremos nesta perspetivação geral de tão vasto fenómeno. Limitar-nos-emos a indicar, como exemplos dessas vastas regiões interiores onde uma prospeção e inventariação sistemática está por fazer, o concelho de *Póvoa de Lanhoso*, onde F. Lanhos (no seu mapa de inventariação de estações e monumentos, folha 5-D) indica a presença de um conjunto de seis mamoa a NW da sede do concelho, e nas proximidades desta⁹⁹; e os monumentos a que se refere Carlos Teixeira no limite dos concelhos de *Fafe* e de *Vieira do Minho*¹⁰⁰. Este autor aborda dois grupos de estruturas, uma entre Rossas e Aboim (próximo de Politeira), o outro na Chã dos Pardieiros, Monte de Maroiço (nas imediações de Vila Boa da Roda), estruturas essas constituídas por pedras fincadas, formando uma câmara rectangular de 6-7 m. de comprimento por 3,5 – 4 m. de largo. Nas proximidades do segundo grupo existe uma mamoa. Há que averiguar a função de tais estruturas, sobre a qual o autor não nos esclarece, limitando-se a uma descrição muito sucinta, sem plantas. Ainda no concelho de *Fafe*, poderíamos citar a mamoa das Casinhas dos Mouros, junto ao lugar de Montim (freguesia de Quinchães), assinalada na carta 10-A do inventário arqueológico de Fernando Lanhos.

⁹⁹ Seg. M. Sarmento – «Dispersos», p. 171 – seriam sete.

¹⁰⁰ Nota sobre algumas construções megalíticas minhotas, «Rev. Guimarães», 1948, pp. 110-111.

Relativamente ao concelho de *Celorico de Basto*, conhecem-se os seguintes locais onde foi registada a presença de mamoaas, todos na área noroeste ao concelho (seg. F. Lanhas, mesma folha):

- Vacaria – a nordeste, sudeste e sudoeste deste lugar da freguesia de S. Clemente de Basto, seis mamoaas, duas das quais já destruídas (cota aprox.: 700-750 m.);
- A sul de Arbouça e a leste de Pedroso, na freguesia de Rego, duas mamoaas;
- Entre Bolada e Porçã, também na freguesia de Rego, às cotas aproximadas de 650-675m., seis mamoaas, duas das quais destruídas. Acrescente-se que na Tapada da Venda, lugar de Pedroso, desta freguesia, foram escavados em 1977 restos de um provável habitat da Idade do Bronze, com fossas (possíveis silos) e buracos de poste, pela U.A.U.M.¹⁰¹. Seria muito interessante que se esclarecesse bem a posição topográfica desta estação em relação com os dólmenes da área, como se tem feito na Aboboreira. Há vários anos, aliás, que se aguarda que os responsáveis pelas escavações publiquem os respectivos resultados, que foram importantes e se enquadram claramente nas investigações em curso sobre a Pré-história do Noroeste.

No concelho de *Braga*, temos de assinalar os seguintes locais nos quais foi registada a presença de mamoaas:

- Passo – para leste deste lugar, a norte do marco geodésico do Crasto, três mamoaas, assinaladas na Carta Geológica (folha 5-D – Braga); cota aprox. – 475-500 m.;
- Este (S. Mamede) – para leste da sede desta freguesia, no Monte dos Picos, quatro mamoaas, registadas na carta arqueológica de F. Lanhas (mesma folha); cota aprox. – 350-400 m.;
- Crasto – para SW do marco geodésico deste nome (567 m.), oito mamoaas (F. Lanhas);

¹⁰¹ Cf. o folheto «Actividade Arqueológica – 1976-80», pp. 32-36.

- Paço – nas imediações da sede da freguesia de Espinho, uma mamoa, registada por F. Lanhas; cota aprox. – 475m.;
- Pedralva – em torno da sede desta freguesia, estão cartografadas quatro mamoas por F. Lanhas: duas no Monte de Campelos (a NE), uma na Devesa Escura (a SE) e uma em Sandim (a W).

De notar que o grande núcleo que as mamoas acima mencionadas, no seu conjunto, constituem, era já conhecido por Martins Sarmiento («O castro de Sobreposta tem no pequeno convale, que o separa do Monte de Espinho, sete mamoas, e no convale oposto, que o separa do Monte de Picos, seis»¹⁰², sendo também citado por Manuel Macedo¹⁰³. Mais recentemente, J. J. Rigaud de Sousa referiu-se a ele¹⁰⁴, cartografando, de forma pouco precisa, quatro núcleos (Alto de S. Miguel – Serra da Encosta –, Pena Província – Serra do Carvalho de Este –, Lagoa, na freguesia de Espinho, Lagoa Velha, na freguesia de Pedralva), e descrevendo os dois últimos, a cada um dos quais atribuí quatro mamoas. O interesse da zona, que visitámos há alguns anos na companhia daquele último autor, impõe um trabalho mais sistemático;

- Monte Fraião – nove mamoas, assinaladas por Brochado de Almeida, que escreve (relat. cit., apêndice, p. 2) «Situam-se do lado direito da estrada Braga-Falperra, pelo Fraião. Em terreno de mato, encontram-se as nove mamoas todas à vista umas das outras, algumas mesmo em linha recta (...).
«Quanto ao seu estado de conservação, praticamente estão semi-destruídas, excepto uma que nos pareceu em bom estado (...).».

E chegámos ao concelho de *Guimarães*, sobre o qual M. Sarmiento coligiu inúmeros elementos. Vejamos alguns deles:

¹⁰² «Dispersos», p. 171.

¹⁰³ «Rev. de Guimarães», 1898, p. 121.

¹⁰⁴ *Megalitismo nos arredores de Braga – necrópoles do Monte de Crasto*, «Bracara Augusta», t. XXXII, 1978.

- S. Salvador de Briteiros – nesta freguesia M. Sarmiento, identificou e escavou várias mamoas¹⁰⁵. Uma delas, situada na Bouça da Agrela ou da Gândara, é propriedade da Sociedade Martins Sarmiento¹⁰⁶.
- Arredores de Sabroso – na região em torno deste castro, o mesmo autor estudou diversos monumentos¹⁰⁷. Um deles, a «mamoinha da Bouça do Domingos de Melres», foi adquirida por M. Sarmiento; nela ele descobriu três pontas de seta, actualmente no Museu da Sociedade, em Guimarães¹⁰⁸;
- Donim – nesta freguesia M. Sarmiento detectou diversas mamoas¹⁰⁹;
- Senhora do Monte – na zona nordeste do concelho (freguesia de Gonça), uma mamoa;
- Monte de Santo Antoninho (Mesão Frio) – uma mamoa¹¹⁰;
- Matamá (zona da Penha, freg. de Infantas) – uma mamoa, escavada pelo Ab. Oliveira Guimarães¹¹¹. Tem c. de 18 m. de raio; a escavação não detectou estrutura megalítica, mas evidenciou «uma parede de 0,80 m. de espessura» limitando a mamoa na sua base, e exumou «alguns restos de cerâmica com ornatos muito rudimentares e de pasta muito grosseira», acrescentando o autor que «cinzas, carvões e quiçá ossos carbonizados não faltam» (p. 151);
- Polvoreira – no «Catálogo dos Imóveis Classificados» (1975, p. 28), vem a indicação da «Anta da Polvoreira» como monu-

¹⁰⁵ V. Materiais para Arqueologia do Concelho de Guimarães, «Rev. Guimarães», pp. 23 e seg.).

¹⁰⁶ M. Cardoso, «Monumentos Arqueológicos da Sociedade Martins Sarmiento», 1950, pp. 50-51.

¹⁰⁷ *Ib.*, 1901, pp. 128 e seg.

¹⁰⁸ M. Cardoso, op. cit., pp. 46-44.

¹⁰⁹ *Ib.*, 1902, pp. 29 e seg.; *Antiqua*, «Rev. Guimarães», 1970, p. 27 – nota 60, de M. Cardoso.

¹¹⁰ «Dispersos», p. 276.

¹¹¹ «Rev. Guimarães», 1900, pp. 150-151. «Dispersos», p. 221.

mento nacional (decreto de 1910); também na Carta Arqueológica de F. Lanhas este hipotético monumento figura como «dólmen destruído». Porém, quando trata do Monte da Polvoreira ou de Lujó, Sarmento não se refere a tal dólmen, mas a uma «furna de Polvoreira», que compara à sepultura sob rocha das Coriscadas, no Marco de Canaveses¹¹²;

- Senhora do Monte – entre as freguesias de Gondar, S. Cristóvão de Selho, Serzedelo e Nespereira, duas mamoaas, junto à capela da Sr^a do Monte¹¹³.

Estamos longe, por certo, de ter esgotado a menção dos locais em que existem, no Minho, monumentos megalíticos; nem é essa a nossa intenção; tentámos, tão só, esboçar as grandes manchas da distribuição geográfica desses monumentos nesta província, cujo número ultrapassa largamente, com certeza, as quatro centenas. Vimo-los distribuídos às mais diferentes cotas, desde a zona litoral, às superfícies aplanadas das serras do interior; observámo-los umas vezes em isolamento, outras em agrupamentos, mais ou menos extensos; verificámos, porém, que sempre se encontram em zonas planas (sobretudo em «plateaux»), bem distintos dos afloramentos rochosos que eventualmente as enquadram. Apesar do seu mau estado de conservação (normalmente apenas a mamoa, sem a tampa e sem os esteios do dólmen, ou com apenas alguns destes últimos, perdura), pudemos constatar a frequência com que ocorrem vestígios de uma provável couraça pétrica de revestimento; por outro lado, observámos a contiguidade, nos mesmos conjuntos, de monumentos de dimensões bastante diferentes.

Muito trabalho de prospecção ainda há a fazer até termos um inventário completo dos monumentos que restam, bem como uma carta da sua distribuição exacta; estamos convencidos de que o posicionamento das mamoaas, para além do que já foi dito, nos pode dar indicações importantes aos níveis económico-social e da simbólica do espaço, e assim esclarecer-nos melhor sobre os modos de vida e a mentalidade dos que as construíram. Voltaremos mais vezes a este assunto, na sequência do presente artigo.

¹¹² «Dispersos», pp. 211-213; *Antiqua*, pp. 11-12.

¹¹³ «Dispersos», p. 243.

2. Trás-os-Montes

2.1. Distrito de Vila Real

Uma das maiores concentrações transmontanãs é a do concelho de *Montalegre*.

Aqui, foram assinalados monumentos nos seguintes locais:

- Tourém – José Fortes estudou nesta área diversas mamoadas (nomeadamente 4 no Marco do Couto) que, juntamente com as de Pitões, constituem o natural prolongamento do conjunto existente para lá da fronteira. A tal conjunto chamou o autor «necrópole dolmênica de Sales», situando na ampla zona das Mourelas a parte portuguesa, correspondente a territórios daquelas duas freguesias. E escreveu: «(...) para as cumiadas das Mourelas, já no território das freguesias barroas de Tourém e Pitões, enxameiam numa extensa corda as criptas megalíticas de uma necrópole dolmênica, inteiramente arruinada»¹¹⁴;
- Pitões – 4 mamoadas¹¹⁵.
Pelo insuficiente trabalho deste autor apenas ficamos a saber que a necrópole do Sales se compunha de câmaras poligonais, de esteios imbricados, normalmente de pequenas dimensões; apenas um «número restrito» apresentava «vestígios de galeria» (p. 668). Lourenço Fontes, em trabalho prático sobre os megalitos de Montalegre (cadeira de Pré-história da Faculdade de Letras do Porto, 1976), cuja publicação foi anunciada, refere-se à mamoadá da Chã dos Forninhos, nesta freguesia de Pitões. Trata-se de um monumento circular, com 22 m. de diâmetro, e um único esteio visível (p. 27);
- Covelães – Lourenço Fontes¹¹⁶ refere-se a várias mamoadas desta freguesia: três no Ramiscal (lugar de Paredes do Rio), uma das quais com 17 m. de diâmetro e larga cratera de violação; tem um único esteio visível; outra, com 16,5 m. de diâ-

¹¹⁴ «Portugália», 1903, p. 665.

¹¹⁵ V. J. Fortes, op. cit., p. 667.

¹¹⁶ Op. cit., pp. 13-26.

metro; uma terceira, com 13,5 m. de diâmetro, e três esteios visíveis, um dos quais reduzido à base. A sul desta mamoa existe, como escreve Fontes, «o penedo das cruces. Tem doze cruces voltadas a poente. Seriam a divisória dos montes entre Covelães e Paredes do Rio». (p. 16). Ainda nesta freguesia, seg. o mesmo autor, teríamos o «dólmen do Outeiro da Batoca», que pela descrição, nos parece duvidoso («esteios tem um a meio, e os outros parecem ser rocha natural» – p. 17); a mamoa de Porto Chão, com um diâmetro de 15 m e cratera de violação; a mamoa das Leiras, com 20 m. de diâmetro e três esteios visíveis; a mamoa de «Ande se Reza», com um diâmetro de 16,5 m. e três esteios também; o «dólmen dos Currais das Antas», sem mamoa, mas com, pelo menos, três esteios à vista; a mamoa da Portela da Mourela, com c. de 20 m. de diâmetro, e uma câmara, «bem conservada» (p. 24), com seis esteios, formando um compartimento poligonal, aberto; a mamoa do Ouroso, com c. de 26 m. de diâmetro, e uma câmara poligonal de cinco esteios, aos quais se somam outros dois, que «parecem tranqueiros da entrada do corredor» (p. 26). Todas estas mamoas parece apresentarem restos de couraça lítica de revestimento;

– Meixedo – nesta freguesia (Veiga de Meixedo), detectou e descreveu Lourenço Fontes os seguintes quatro monumentos: um, com c. de 35 m. de diâmetro e 2 m. de altura; larga depressão central; outro, com 16 m. de diâmetro; outro («Mota de Meixedo»), com c. de 35 m. de diâmetro, c. de 1,80 m. de altura, e dois esteios visíveis; finalmente, um quarto com apenas 9 m. de diâmetro¹¹⁷. Também Braga Barreiros¹¹⁸ e J. Martins¹¹⁹ se referem a monumentos desta região (este último autor alude concretamente a 8 mamoas na Veiga de Meixedo; o seu manuscrito contém aliás várias informações de muito interesse para um inventário megalítico do concelho);

¹¹⁷ Op cit., pp. 8-12.

¹¹⁸ *Materiais para a Arqueologia do Concelho de Montalegre*, «O Arq. Port.», vol. XXIV, pp. 3-52.

¹¹⁹ Em manuscrito publicado por M. C. Santos; v. «Ethnos», vol. VI, 1969.

– B. Barreiros (op. cit.), G. Leisner¹²⁰ e João Gonçalves da Costa¹²¹, indicam ainda monumentos megalíticos nos seguintes locais do concelho: Montalegre (freg.) (13 monumentos); Padroso (19); Padornelos (5); Solveira; Vilar de Perdizes (4); Sarraquinhos (1); Pedrário (2); Cervos (1); Fírvidas (8); Medeiros (4); São Vicente (3); Torgueda; Travaços da Chã (1); Penedones (3); Negrões; Cambeses (1); Frades do Rio; Fiães do Rio; Paradela; Sirvuzelo; Castro de Medeiros (4), Antelas (1); Fraga das Cabanas (2); Pindo. Muitas destas informações terão de ser cuidadosamente confirmadas, no quadro de um inventário dolménico desta região, cuja elaboração se impõe.

Não conhecemos qualquer movimento megalítico no concelho de *Chaves*, rico, todavia, em arte rupestre e em habitats pré-históricos. Já no concelho de *Boticas* há indicação da sua presença na Carta Geológica (notícia explicativa da folha 6-B – Chaves) em Carvalho, lugar da freguesia de Vilar. Também no concelho de *Ribeira de Pena* existem monumentos em Concelho e em S. Eulália¹²². Segundo o Sr. Dr. Manuel Martins, de Chaves (inf. pessoal), neste último local vêem-se cinco mamoaas, uma das quais no Alto de Talhos, e as outras nas suas imediações; outras ainda se encontram em Formoselos, freguesia de Cerva (1) e no Outeiro dos Mouros, lugar de Mourão, da mesma freguesia. A duas mamoaas existentes no interior do Castro de Mourão refere-se Mário de Menezes¹²³.

E chegamos ao concelho de *Vila Pouca de Aguiar*, famoso pelos seus monumentos megalíticos, estudados nos finais do século passado, por Rafael Rodrigues¹²⁴ e José Brenha¹²⁵; recentemente, Domingos Cruz iniciou uma revisão do assunto, com vista à inventariação completa do que resta dos monumentos de toda esta área¹²⁶.

Eis os principais locais deste concelho com interesse para o nosso estudo:

¹²⁰ «Verbreitung...», p. 72.

¹²¹ Em «Montalegre e Terras de Barroso» (1968, pp. 27-29).

¹²² Leisner, op. cit., p. 71.

¹²³ «O Arq. Port.», 1925/26, p. 41.

¹²⁴ V. «A Vida Moderna», 1895; «O Arq. Port.», 1895, pp. 36-37; pp. 346-350.

¹²⁵ «Portugália», 1903, pp. 691-706.

¹²⁶ V. também V. Leisner, Nota sobre um vaso transmontano «Arq. e Hist.», 1958.

– Alto do Catorino – neste local da freguesia de Soutelo de Aguiar, a oeste de Carrazedo de Alvão, ergue-se, à altitude absoluta de 971 m., enorme mamoa, bem visível de toda a região do Alvão, e de quem atravessa a estrada nacional 206. Acha-se o monumento implantado aproximadamente ao centro do pequeno «plateau» que encima aquela colina, numa posição bem destacada e claramente destinada a apenas uma mamoa, em nítido contraste com o agrupamento dolmênico que lhe fica no sopé. A mamoa tem cerca de 20 metros de diâmetro, e cratera de violação, na qual se vêem os restos (oito esteios) de uma pequena câmara poligonal, com cerca de 2 m, de diâmetro máximo, ainda relativamente conservada¹²⁷; uma escavação torna-se porém necessária para definir se possuía ou não uma entrada (e eventualmente, um corredor). Perguntamo-nos se será este o monumento a que se refere Pereira da Costa¹²⁸, muito embora G. Leisner¹²⁹ o considere à parte;

– Chã das Arcas – conjunto de nove monumentos megalíticos, situado a sul da estrada acima referida, e a sudoeste de Carrazedo de Alvão (Rodrigues e Brenha integram neste conjunto a mamoa do Alto do Catorino, pelo que consideram aqui dez monumentos¹³⁰. Hoje só restam vestígios de quatro. Dos descritos por aqueles autores (três deles já então em ruínas, embora um apresentasse ainda a câmara «ladrihada» – Brenha, p. 695), um (nº 1) tinha uma câmara poligonal de sete esteios imbricados, e corredor de duas lajes; outro (nº 4), uma câmara poligonal de sete esteios imbricados e um corredor formado por quatro lajes, duas maiores e duas mais pequenas, exteriores; outro (nº 5) era constituído por uma pequena câmara poligonal de 5 esteios, «sem sinais de galeria»¹³¹; outro (nº 6), continha uma pequena câmara poligonal, com curto corredor ou vestíbulo formado por duas pequenas lajes; outro ainda (nº 7), apresentava uma câmara poligonal com oito esteios (parecendo faltar um) e corredor com três esteios

¹²⁷ Brenha, 1903, p. 697, nº 10.

¹²⁸ Em «Descrição de Alguns Dolmins ou Antas de Portugal», p. 90 e est. II.

¹²⁹ Op. cit., p. 70.

¹³⁰ V. op. cit., respectivamente pp. 36-57 e pp. 692 e seguintes.

¹³¹ Brenha, p. 696.

de cada lado, estreitando no sentido da entrada (c. de 2,70 m. de comprimento); finalmente, o monumento n.º 8 correspondia a uma grande câmara com sete esteios, um dos quais deslocado, e um diâmetro máximo de quase 3,5 m. «O solo da câmara era ladrilhado e estava coberto por uma pequena camada de areia regularmente espalhada (...)»¹³²;

- Trandeiras – conjunto de sete monumentos dolménicos, «todos de mui pequena capacidade»¹³³, situados na freguesia de Afonsim. O nosso antigo aluno P.^e Manuel S. Teles, num relatório apresentado à cadeira de Pré-história da Faculdade de Letras, refere-se a cinco mamoaas de Trandeiras, com diâmetros que variam entre 8 e 18 m. Uma delas, a Mamoa 2 de Atrás do Outeiro, apresenta ainda uma pequena câmara hexagonal, com cerca de 1,30 m. de diagonal, a confirmar a frase transcrita de J. Brenha. Ainda na freguesia de Afonsim, M. S. Teles assinala uma mamoa na zona de Bezerral, com cerca de 12 m. de diâmetro;
- Portela da Chã – conjunto de quatro mamoaas, seg. Brenha (p. 692); apenas uma continha um dólmen bem conservado, com uma câmara de sete esteios, e 2 m. de altura¹³⁴;
- Frieiro – quatro monumentos megalíticos¹³⁵; um deles, seg. R. Rodrigues¹³⁶, revelou espólio osteológico;
- Lixa do Alvão – quatro «pequenos dólmens»¹³⁷;
- Falperra – cinco dólmens, já «bastante devassados»¹³⁸;
- Minheu, Parada de Monteiros, etc.¹³⁹.

¹³² Brenha, p. 696.

¹³³ Brenha, p. 697.

¹³⁴ *Ib.*, p. 697.

¹³⁵ Brenha, p. 698.

¹³⁶ 1895, p. 349.

¹³⁷ Brenha, p. 697.

¹³⁸ R. Rodrigues, 1895, p. 346.

¹³⁹ Brenha, p. 692.

Para lá desta zona do Alvão, onde, numa área de c. de 10 km², e segundo R. Rodrigues¹⁴⁰, existiriam «para cima de 200 dólmenes», o conjunto de Vila Pouca continha ainda importantes conjuntos para leste da sua sede, na área da Serra da Padrela, ultimamente prospectada por D. Cruz (Penedos Alvos, Lagoa, Tinhela) e, mais para sul, no Alto da Presa, Vereia de Jales, Alfarela, Tresminas¹⁴¹. Também para norte do Alvão existiriam monumentos em Capeludos, Cabugueira, etc.¹⁴². Sem dúvida, estamos perante um dos concelhos mais ricos em megalitismo de todo o Norte do país; infelizmente, os seus monumentos nunca foram alvo de escavações modernas, nem os antigos, espólios, recolhidos por Rodrigues e Brenha, foram objecto de estudo sistemático e rigoroso, que apartasse as peças de interesse (hoje dispersas por vários museus e colecções, como o Museu Nacional de Arqueologia, de Lisboa, ou a colecção da Junta Distrital de Vila Real) das de autenticidade muito duvidosa, como são, certamente, muitos dos objectos publicados por Brenha e comentados por R. Severo na «Portugália» (actualmente no Museu e colecção referidos e e também no Museu do Instituto de Antropologia Dr. Mendes Corrêa, do Porto).

Entramos agora no concelho de *Murça*, onde H. Botelho¹⁴³ assinalou «alguns dólmenes» em Zebras, freguesia de Jou, acrescentando existirem muitos outros «a pequena distância da estrada municipal de Carrizado de Montenegro a Jou, do lado esquerdo (...)». Trata-se de uma área onde confluem os concelhos de Murça e de Valpaços.

O concelho de *Alijó* é outro dos mais conhecidos em Trás-os-Montes pela sua abundância em monumentos megalíticos. A maior concentração destes encontra-se na freguesia de Perafita, no extremo norte do concelho, onde este se encontra com o de Murça¹⁴⁴. Aí Botelho distinguiu quatro grupos:

- Cabeço do Bique – duas mamoadas, a poente da estrada de Perafita para Jurjães, a c. de 1 Km. para NW da sede da freguesia. Ambas conteriam dólmenes de corredor;

¹⁴⁰ Op. cit., p. 347.

¹⁴¹ G. Leisner, «Verbreitung ...», p. 70.

¹⁴² Brenha, p. 692.

¹⁴³ «O Arq. Port.», 1905, p. 337.

¹⁴⁴ H. Botelho, «O Arq. Port.», 1698, pp. 180-192.

- Veiga de Perafita – um monumento situado junto ao caminho de Perafita para o Pópulo, com três esteios da câmara «in situ»; foi escavado por Botelho, tendo revelado um espólio significativo; 15 mamoaas localizadas ao longo do caminho que se dirige do Pópulo para a povoação de Asnela (já no concelho de Murça). Estes monumentos encontram-se alinhados, «grosso modo», no sentido NW-SE. Alguns deles são de grandes dimensões, destacando-se a «madorna grande» (G. de Botelho), com c. de 30 m. de diâmetro e 4 a 4,5 m. de altura. Têm normalmente couraça lítica de revestimento, bem visível em alguns cortes. Um dólmen de pequenas dimensões, inserto numa mamoa com 6-7 m. de diâmetro (K), revelou a Botelho, na câmara, a estratigrafia seguinte: nível inferior com 35 cm. de espessura máxima (enxó apenas polida no gume, entre outros artefactos); nível superior, dividido daquele por uma laje, com espólio variado, entre o qual «duas facas de silex muito perfeitas»¹⁴⁵;
- Monte a poente e sul da veiga – «quatro antas», de pequenas dimensões;
- Monte do Cardo, a poente da veiga – 15 monumentos.

Nas nossas prospecções de 1977 e 1978, verificamos que a área descrita constitui uma chã situada entre 800 e 900 m. de altitude absoluta, de onde se avistam largos horizontes, nomeadamente para leste, onde se vislumbra a sede do concelho de Murça, no vale do Tinhela. Na elevação que, a noroeste, constitui o rebordo da chã, localiza-se uma mamoa, contendo os restos de uma pequena câmara megalítica, cujo contorno se distingue contra o horizonte, e que parece ocupar uma posição predominante em relação aos demais monumentos, facto que temos constatado noutros locais do N. de Portugal, como Carrazedo de Alvão (V^a. Pouca de Aguiar) ou Gião (Arcos de Valdevez).

Os outros monumentos assinalados no concelho são:

- Vilarelho – no termo de Alijó, três dólmens citados por Botelho¹⁴⁶;

¹⁴⁵ Op. cit., pp. 187-188.

¹⁴⁶ «O Arq. Port.», 1896, p. 266.

- Proximidades de Carlão – dois ou três dólmenes, também referidos por Botelho (*ib.*); nesta área da Burneira, sobranceira a Carlão, identificou o Sr. P^o. Manuel Alves Plácido nove monumentos megalíticos (inf. pessoal), alguns dos quais escavou, tendo enviado para a Junta Nacional da Educação um relatório. Um desses monumentos, que visitámos em sua companhia, a anta da Estante, é um dólmen simples, de pequenas dimensões, ainda rodeado da sua mamoa; revelou a Alves Plácido um espólio interessante. Este estudioso também nos informou de que junto de uma das antas da zona existia um menir, a que o povo dava o nome de «pedra encantada», com o qual foi feito um cruzeiro que se encontra na povoação de Prezandães, Alijó;

- O monumento mais célebre do concelho (monumento nacional) é a Anta da Fonte Coberta da Chã de Alijó, localizada a norte da povoação da Chã, a c. de 350 m. para oeste da estrada do Pópulo para Alijó. Foi estudado por Coteló Neiva em 1938¹⁴⁷; há alguns anos a nossa ex-aluna Eurídice Carvalho elaborou uma nova planta do dólmen, que publicámos em 1979¹⁴⁸. Diga-se de passagem que, apesar de se tratar de um monumento nacional, se não encontra devidamente protegido, tendo sido alvo, recentemente, de escavações clandestinas, que ameaçam a sua conservação (inf. do Dr. J. Pedro Ribeiro).
Trata-se de um dólmen com câmara poligonal de 7 esteios imbricados (um dos quais deslocado no exterior do monumento), com c. de 3,30 m. de largura e c. de 2,70 m. de comprimento) tem actualmente cerca de 2,70 m. de altura no interior, e está coberta por uma tampa de grandes dimensões, com um comprimento de 3,54 m. e uma largura de 2,20 m. Junto à entrada, do lado esquerdo, encontra-se uma laje fincada no solo, com c. de 2 m. de comprimento e c. de 60cm. de altura máxima, que decerto corresponde à parte lateral de um pequeno vestíbulo que marcava o acesso à câmara (dado o seu carácter simbólico, não devemos chamar-lhe corredor).

¹⁴⁷ «Boletim da Associação da Filosofia Natural», vol. I, n^o 5, pp. 61-82.

¹⁴⁸ «Actas da I Mesa-redonda sobre o Neolítico e o Calcolítico em Portugal», p. 96.

Cotelo Neiva detectou neste monumento a presença de covinhas, na parte superior da tampa e num dos esteios (nº 7); neste existe também um pequeno sulco; num outro esteio (nº 3) observam-se duas depressões circulares; e no esteio deslocado (nº 6), um sulco alongado. O mesmo autor encontrou neste dólmen vestígios de pinturas a vermelho.

Passamos agora ao concelho de *Sabrosa*, no qual se conhecem vestígios de monumentos megalíticos na zona de S. Martinho de Anta¹⁴⁹. Os locais de interesse são os seguintes:

- Nª Sª da Azinheira – na Serra da Azinheira, entre S. Martinho de Anta e Vilar de Celas, uma mamoa a c. de 500 m. para nascente da capela de Nª Sª da Azinheira. Apresenta restos de alguns esteios;
- Vilar de Celas – duas antas, uma conhecida como «anta de Arcã, a 100m. da estrada que se dirige à aldeia de Delgada, com um grande esteio visível, e outra a c. de 70 m. desta, também com um único esteio à vista.

E concluímos esta panorâmica do distrito de Vila Real, com uma referência aos monumentos do próprio concelho de *Vila Real*, estudados por H. Botelho¹⁵⁰.

São os seguintes os locais a mencionar:

- A ocidente de Vila Real, quatro mamoadas no sítio da Sardo-eira, na freguesia de Campeã; e duas no sítio do Coto, da freguesia da Quintã;
- A NE de Vila Real, um mínimo de 8 monumentos no termo do Sanguinhedo, da freguesia de Mouços; ainda na mesma freguesia, no caminho de Lagares para Lames, outros dois

¹⁴⁹ V., de vários autores, «Levantamento Arqueológico da Região de S. Martinho de Anta», Vila Real, 1976 – note-se que se trata de um trabalho cheio de erros, não só nas considerações gerais, como quando pretende ver «alinhamentos de menires» entre Vilar de Celas e Garganta, onde apenas há restos de muros construídos com grandes blocos de lajes, como é habitual em Trás-os-Montes.

¹⁵⁰ «O Arq. Port.», 1896, pp. 298-299; *ib.*, 1901, pp. 164-167.

monumentos. Por fim, na freguesia de Lames, 8 mamoas, duas no termo de Lames e seis no termo de Justes.

Como vimos, são bastante abundantes os megálitos (ou os vestígios que deles restam) nesta zona ocidental de Trás-os-Montes: qualquer coisa como 400 monumentos, em números muito gerais. Eles formam uma banda mais ou menos contínua, estendendo-se de NW para SE, com concentrações máximas nos concelhos de Montalegre, Vila Pouca de Aguiar e Alijó. Encontram-se quase sempre em regiões planálticas, em chãs de extensão variável, e embora as dimensões das mamoas variem consideravelmente, a concepção dos dólmenes baseou-se sempre num modelo de pequenas dimensões, de câmara poligonal simples, ou com corredor pouco desenvolvido. Não nos aparece neste distrito qualquer monumento do tipo do dólmen de Santa Marta (Penafiel) ou da Barrosa (Caminha), em que câmara e corredor, formando um conjunto de grande porte, se encontram indiferenciados, pelo menos em planta.

Vejam agora o que se observa no distrito de Bragança, onde o fenómeno megalítico se rarifica.

2.2. Distrito de Bragança

Abstraindo dos numerosos topónimos existentes no distrito¹⁵¹, consideraremos apenas os indícios relativamente seguros, nos seguintes concelhos:

Vinhais – no local do «Montão de Terra», termo de Paço, existia uma mamoa, com cratera de violação central, referida pelo Abade de Baçal¹⁵²; o mesmo autor (*ib.*) alude a um outro local das proximidades, chamado Tumbiadoro, onde havia «umas elevações naturais de terrenas em forma cónica» – seriam mamoas? Por outro lado, na freguesia de Travanca, a uns 100 m. da Fraga do Marão, que divide os termos de Travanca e Paçó, «há duas mamoas», «formadas por largo e elevado montículo de terra»¹⁵³;

¹⁵¹ Ver Manuel Alves, «Memórias Arqueológico-Históricas do Distrito de Bragança», vol. IX, 2ª ed., 1975.

¹⁵² Op. cit., p. 703.

¹⁵³ *Ib.*, p. 662.

Bragança – em Donai, sítio da Devesa, existe uma mamoa conhecida por Tumbeirinho, no meio de um lameiro; foi escavada por um professor de Bragança, e a ela se referem diversos autores¹⁵⁴. Pudemos visitá-la há alguns anos. É propriedade da Sociedade M. Sarmiento, onde o seu espólio se encontra. Por outro lado, no local de Penedante, da freguesia de França, observar-se-iam «evidentes restos» de um dólmen, segundo F. M. Alves¹⁵⁵. Também no termo de Oleiros existiria um monumento dolménico, correspondente à Fraga da Ramada¹⁵⁶. Por fim, em Pereiros, no Cabeço da Pena Mourisca, encontrar-se-iam vestígios de uma anta, de que restariam cinco esteios¹⁵⁷;

Miranda do Douro – a nossa ex-aluna Sanches da Gama, em relatório sobre a Arqueologia pré-histórica deste concelho, refere-se à «Mamoa da Campainha», na freguesia de Genísio, acrescentando que ela se encontra «reduzida a uma pequena elevação de pouco mais de 60 cm., quando a sua altura inicial era de quase 2 metros»;

Mirandela – Neste concelho, foram assinalados monumentos megalíticos em Abreiro, no sítio de Arca (anta, de que restavam dois esteios «in situ», no tempo do Abade de Baçal¹⁵⁸, no sítio de Trochos, termo de Barcel («montículo de pedregulhos e perto dele ... dois penedos ... que provavelmente foram esteios da anta ...»)¹⁵⁹, no sítio de Antinha, termo de Vale de Conde (provável anta, com duas pequenas lajes de 40 cm. de altura marcando a entrada)¹⁶⁰ e, perto deste último, no local da Pedreira «restos de três antas»¹⁶¹;

Macedo de Cavaleiros – O Abade de Baçal¹⁶² refere-se ao Cabeço da Anta, a c. de 1 km. para norte de Salselas, em cujo cimo notou «dois grandes penedos de xisto, que bem podiam pertencer aos esteios da anta (...)».

¹⁵⁴ A. Pereira Lopo, «O Arq. Port.», 1907, pp. 307-309; F. M. Alves, op. cit., p. 698; J. M. Neto, «O Leste do Território Bracarense», 1975, p. 193.

¹⁵⁵ Op. cit., p. 699.

¹⁵⁶ F. M. Alves, p. 702.

¹⁵⁷ *Ib.*, p. 705; J. M. Neto, op. cit., p. 205.

¹⁵⁸ Op. cit., pp. 695-696.

¹⁵⁹ Op. cit., pp. 697-698.

¹⁶⁰ Op. cit., p. 707.

¹⁶¹ Op. cit., p. 708.

¹⁶² Op. cit., p. 706.

Mogadouro – No termo de Sanhoane, segundo as Memórias Paroquiais de 1758¹⁶³ existe «um monturo de seixos grande com terra misturada e em direitura no termo dito onde chamam a Pena Mosqueira estão outros dois a que chamam madorras (...)». De facto, há anos observámos restos de uma mamoa nesta freguesia, com vestígios de couraça lítica, muito destruída pelos trabalhos da lavoura, que deve corresponder a uma das acima referidas. Também no sítio da Modorra, termo de Vila de Ala, existe «um montículo de terra de forma cónica com depressão central», certamente uma mamoa¹⁶⁴. Em Vilar de Rei, no sítio da Medorra, há «um grande montão de seixos, de que ainda restam alguns (...) debaixo dos quais se encontram ossadas humanas e vasos com carvões»¹⁶⁵. Por fim, no Prado do Junco, termo do Estevais, «há um grupo de rochedos graníticos»¹⁶⁶ que J. M. Neto considera uma anta¹⁶⁷, o que nos parece muito duvidoso. De qualquer forma, no Museu Nacional de Arqueologia, de Lisboa, existe um machado polido proveniente da «Anta de Olgas de Estevais», Mogadouro (deve ser este a que se refere o Abade de Baçal, *op. cit.*, p. 683);

Carrazeda de Ansiães – Sobre o termo da Samorinha, neste concelho, escreveu o Abade de Baçal¹⁶⁸ que perto do sítio chamado Arquinha (ou Arcanha) «havia uma anta como a de Zedes poucas centenas de metros distante desta, que destruíram a fim de lhe aproveitar a cantaria para construir uma casa em 1871 (...)».

Mas os monumentos que se tornaram dos mais famosos entre todos os de Trás-os-Montes, e do Norte de Portugal em geral, são os de Vilarinho da Castanheira (3, dos quais o mais bem conservado é a «Pala da Moura») e do Zedes («Casa da Moura»). Vários autores se referem a eles¹⁶⁹, mas o trabalho mais significativo é o de Santos Júnior, «Pinturas Megalíticas no Concelho de Carrazeda de Ansiães (Porto, 1930). A Anta de Vilarinho da Castanheira, ou Pala da

¹⁶³ «O Arq. Port.», vol. VII, p. 126.

¹⁶⁴ F. M. Alves, *op. cit.*, p. 706.

¹⁶⁵ *Ib.*, p. 707.

¹⁶⁶ F. M. Alves, *ib.*, p. 622.

¹⁶⁷ *Op. cit.*, p. 279.

¹⁶⁸ *Op. cit.*, p. 706.

¹⁶⁹ Por exemplo, J. Augusto Tavares, «O Arq. Port.», 1815, pp. 107-1095 relativamente ao de Zedes, v. Pedro Vitorino, in «Rev. de Est. Históricas», 1924, pp. 146-52.

Moura, cuja planta, em esboço de Eurídice Carvalho, publicámos em 1979¹⁷⁰ é um dólmen de câmara poligonal larga (c. de 3 m.); teria originalmente 9 esteios, mas falta-lhe um do lado direito (de um observador que entre na câmara), e um do lado esquerdo encontra-se deslocado para o exterior (facto que já aconteceu entre o estudo de S. Júnior e a nossa própria observação). Os esteios são imbricados, e a cabeceira é formada por duas lajes, encostadas uma à outra pelas suas extremidades. Cobre a câmara uma tampa sub-trapezoidal, com c. de 3,40 m. de comprimento e c. de 2,30 m. de largura ao centro. Tem um corredor pequeno (comprimento – c. de 2,5 m., largura ao centro – c. de 1,5 m.), formado por dois esteios maiores, um de cada lado, e dois blocos menores, à entrada, os quais estreitam o espaço do corredor nessa zona. Santos Júnior (op. cit.) descreveu pinturas desta anta, cuja revisão foi recentemente efectuada por E. Shee Towhig.

Ao contrário do que escreve Santos Júnior¹⁷¹, o dólmen de Zedes não é do mesmo tipo do de Vilarinho da Castanheira, pois enquanto que neste existe um nítido corredor, naquele há apenas a marcação simbólica da entrada através de duas lajes «postas em cutelo pouco ou quase nada patentes» no dizer do próprio S. Júnior. A câmara de Zedes é poligonal com nove esteios imbricados, medindo, de acordo com o esboço genérico de plantas daquele autor, c. de 2,75 m. de comprimento por c. de 2,50 m. de largo; a altura interior seria de 2,15 m. «Os esteios – escreve S. Júnior, p. 20 – estão todos acunhados pelo lado de fora, com blocos de granito, alguns bastante grandes, e de inclinação concordante com a daqueles. Ao redor do dólmen vê-se um amontoado de pedras, cimentadas por terra compacta e um tanto endurecida, formando como que uma base ou peanha (...)», trata-se certamente de um contraforte da câmara, posto a nu pela erosão da mamoa. Sobre a tampa vêem-se neste dólmen covinhas e sulcos bem vincados, e, no interior, existiam pinturas, hoje reduzidas a algumas manchas. Foram reveladas por S. Júnior e, mais recentemente, reestudadas por E. Shee Towhig;

Torre de Moncorvo – Neste concelho existiriam monumentos megalíticos em Castedo, na área de confluência com Vilarinho da

¹⁷⁰ «Actas da I Mesa-redonda sobre o Neolítico e o Calcolítico em Portugal» p. 95.

¹⁷¹ Op. cit., p. 18.

Castanheira¹⁷² e na Junqueira, onde José Tavares diz ter ainda conhecido um dólmen¹⁷³. A «anta de Cabanas de Baixo», pela descrição transcrita pelo Abade de Baçal (p. 698), parece-nos duvidosa;

Freixo de Espada-à-Cinta – Segundo transcrições feitas pelo Abade de Baçal¹⁷⁴ teria existido pelo menos um dólmen em Fornos, nomeadamente no sítio de Mesquita.

Como vemos, baseando-nos nas fontes publicadas, não atinge uma trintena o número de monumentos megalíticos que chegaram ao conhecimento da Arqueologia, no distrito de Bragança, de longe o mais pobre neste domínio, no território português ao norte do Douro. Não existe, aqui, uma necrópole do tipo das de Alijó, Alvão ou Montalegre, mesmo considerando o caso de Vilarinho da Castanheira, onde alguns monumentos (Pala da Moura, dólmen da Concelheira e Mamoia das Lameiras) se encontravam a relativamente pequena distância uns dos outros. Não há dúvida, assim, depois da breve panorâmica traçada neste trabalho, de que o fenómeno megalítico interessa sobretudo, no Norte de Portugal, o Entre-Douro-e-Minho e o bordo ocidental de Trás-os-Montes, de um e outro lado da alta cadeia de montanhas que separa o Norte atlântico do Norte interior.

Porto, 1981

¹⁷² F. M. Alves, op. cit., p. 682.

¹⁷³ Cit. por E. M. Alves, p. 685.

¹⁷⁴ *Ib.*, p. 569, nota 5.

BIBLIOGRAFIA

- Alves, Francisco Manuel (1975-2ª ed.), *Memórias Arqueológico-Históricas do Distrito de Bragança*, vol. X.
- Baptista, A. M. (1981), A arte do Gião, *Arqueologia*, 3, pp. 56-66.
- Barreiros, F. Braga (1919) Materiais para a Arqueologia do Concelho de Montalegre, *O Arqueólogo Português*, XXIV, pp. 58-87.
- Botelho, H. (1896; 1898), Antas e castros do Concelho de Alijó, *O Arqueólogo Português*, II, pp. 264-266; IV, pp. 180-192.
- Botelho, H. (1896;1901), Dólmens no Concelho de Vila Real, *O Arqueólogo Português*, II, pp. 298-299; VI, pp. 164-167.
- Botelho, H. (1902;1903;1904), Arqueologia de Trás-os-Montes, *O Arqueólogo Português*, VII, 6, pp. 149-155; VIII, 10-12, pp. 239-243; IX, 7-10, pp. 166-170.
- Botelho, H. (1896), Antas no Concelho de Vila Pouca de Aguiar, *O Arqueólogo Português*, II, pp. 81-83.
- Botelho, H. (1905), Dólmens no Concelho de Murça, *O Arqueólogo Português*, X, pp. 335-337.
- Brenha, José (1903), Dólmens e antas no concelho de Vila Pouca de Aguiar, *Portugalia*, I, pp. 691-706.
- Brito, J. da Cunha (1910), Antas do concelho de Ponte de Lima, *O Arqueólogo Português*, XV, pp. 313-317.
- Cardoso, Mário (1950), *Monumentos Arqueológicos da Sociedade Martins Sarmento*, Guimarães, Soc. M. Sarmento.
- Carvalho, Mesquita (1898), *Dólmen da Barrosa*, Porto, Magalhães e Moniz edit.
- Costa, João Gonçalves da (1968), *Montalegre e Terras de Barroso*, Montalegre, Câmara Municipal.
- Cunha, N. Alves da (1979), *No Alto Minho – Paredes de Coura*, 2ª ed.
- Fortes, José (1901) , A necrópole dolménica de Sales (Terras de Barroso), *Portugalia*, I, pp. 665-686.
- Guimarães, Oliveira (1900), A mamoa de Matamá, *Revista de Guimarães*, XVII, 3, pp. 150-157.
- Jorge, V. O. (1977), Menhirs du Portugal, *L' Architecture Mégalithique*, Vannes, Soc. Polymathique du Morbihan, pp. 99-124.
- Jorge, V. O. (1982), Megalitismo do Norte de Portugal: o distrito do Porto – Os Monumentos e a sua Problemática no Contexto Europeu, Porto, Fac. de Letras (diss. de doutº policopiado), 2 vols.
- Leisner, G. (1938), *Verbreitung und Typologie der Galizisch Nordportugiesischen Megalithgräber*, Marburg (reprint Lisboa 1977).
- Leisner, V. (1958), Nota sobre um vaso transmontano, *Arqueologia e História*, 8ª sér., III, pp. 145-153.
- Lopo, A. Pereira (1907), Anta de Donai, *O Arqueólogo Português*, XII, 9-12, pp. 307-309.

- Machado, Falcão (1978), Barrocelas, *Cadernos Vianenses*, t. I, pp. 182-184.
- Melo, M^a de Fátima da S. (1967), *Arqueologia do Concelho de Ponte de Lima*, diss. de licenc.^a, policopiada, Lisboa, Fac. de Letras.
- Neiva, Coteló (1938), O dólmen da Fonte Coberta (na Chã de Alijó), *Boletim da Associação de Filosofia Natural*, vol. I, 5, pp. 61-82.
- Neto, J. M. (1975), *O Leste do Território Bracarense*, ed. autor.
- Nunes, Castro (1951; 1955), Escavações no dólmen da Barrosa (Âncora), *Revista de Guimarães*, LXI, pp. 196-204; LXV, pp. 154-159.
- Pereira, F. Alves (1902), Um passeio arqueológico no concelho dos Arcos de Valdevez, *O Arqueólogo Português*, VII, pp. 193-209.
- Pereira, F. Alves (1903), Novas mamoadas da Serra do Soajo, *O Arqueólogo Português*, VIII, pp. 72-75.
- Rodrigues, Aníbal (1978), Os dólmenes de Castro Laboreiro, *Cadernos Vianenses*, t. I, pp. 186-187.
- Rodrigues, Rafael (1895), Antas ou dolmens, tumulus e sepulturas romanas no concelho de Vila Pouca de Aguiar, em Trás-os-Montes, *A Vida Moderna*, n^os 23, 24, 25, 26, 28, 30, 35.
- Rodrigues, Rafael (1895), Dólmenes ou antas de Vila Pouca de Aguiar, *O Arqueólogo Português*, pp. 36-37; pp. 346-350.
- Ruiz-Gálvez Priego, M. (1979), El Bronce Antiguo en la fachada atlántica peninsular: un ensayo de periodización, *Trabajos de Prehistoria*, pp. 151-172.
- Santos Júnior, J. R. (1930), *Pinturas Megalíticas no Concelho de Carraceda de Ansiães*, Porto, Instituto de Antropologia da Fac. de Ciências.
- Santos, M. C. (1969), Subsídios para o estudo arqueológico de Montalegre, Mealhada e Viseu, *Ethnos*, vol. VI, pp. 201-218.
- Sarmiento, Martins (1902), Materiais para a Arqueologia do Concelho de Guimarães, *Revista de Guimarães*, XIX, pp. 19-33.
- Sarmiento, Martins (1933), *Dispersos*, Coimbra, Imprensa da Universidade.
- Sarmiento, Martins (1970), Antiqua, *Revista de Guimarães*, LXXX, 1-2, pp. 11-72.
- Sousa, J. J. Rigaud de (1978), Megalitismo nos arredores de Braga – necrópoles do Monte de Crasto, *Bracara Augusta*, t. XXXII, pp. 73-74.
- Tavares, J. Augusto (1895), Arqueologia do distrito de Bragança, *A Vida Moderna*, 27, 34.
- Tavares, J. Augusto (1895), Dólmenes de Castedo, de Vilarinho e de Donai, *O Arqueólogo Português*, I, p. 129.
- Teixeira, Carlos (1948), Notas sobre algumas construções megalíticas minhotas, *Revista de Guimarães*, LVIII, 1-2, pp. 110-111.
- Twohig, E. S. (1981), *The Megalithic Art of Western Europe*, Oxford, Clarendon Press.
- Vasconcelos, J. Leite de (1909), Dólmenes da Boulhosa (Alto-Minho), *O Arqueólogo Português*, XIV, pp. 294-296.

- Vasconcelos, J. Leite de (1910), Esculturas pré-históricas no Museu Etnológico Português, *O Arqueólogo Português*, XV, pp. 31-39.
- Viana, Abel (1955), Alguns instrumentos de pedra polida no Alto Minho, *Arquivo do Alto Minho*, vol. V.
- Viana, Abel (1932), Justificação de um cadastro de monumentos arqueológicos para o estudo da Arqueologia do Alto-Minho, *Anais do Distrito de Viana do Castelo*, VI, pp. 11-24.
- Vitorino, Pedro (1924), O dólmen de Zedes, *Revista de Estudos Históricos*, pp. 148-152.

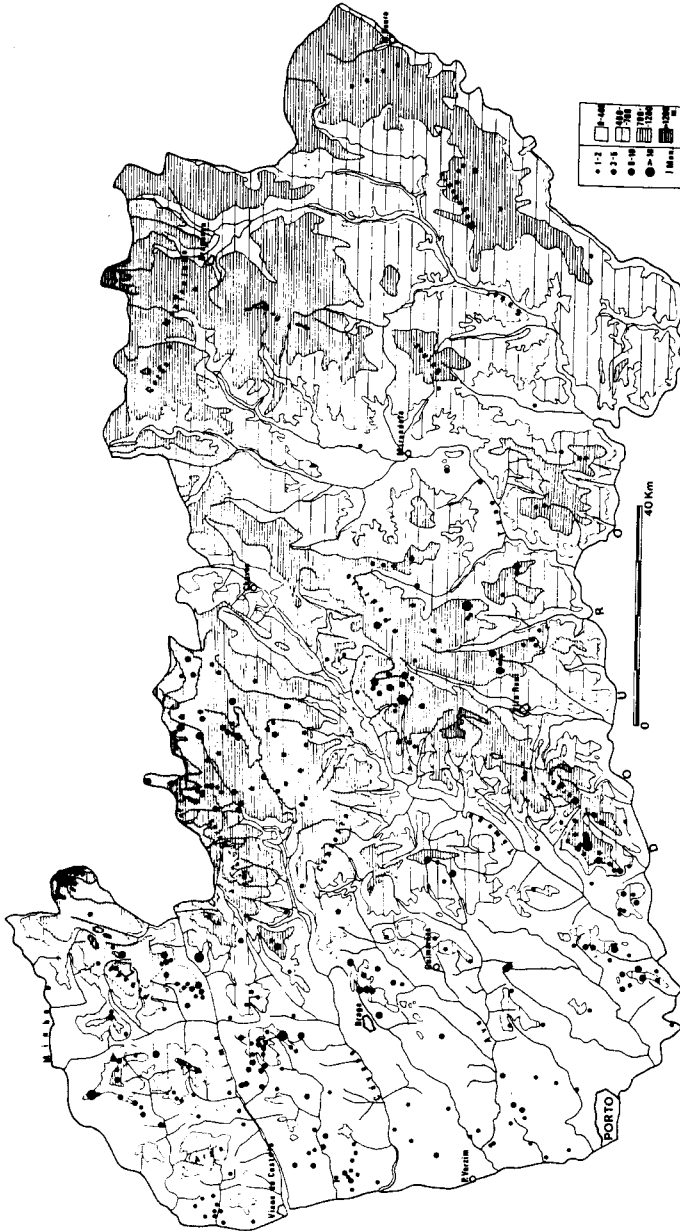


Fig. 1 – Distribuição de monumentos megalíticos no Norte de Portugal

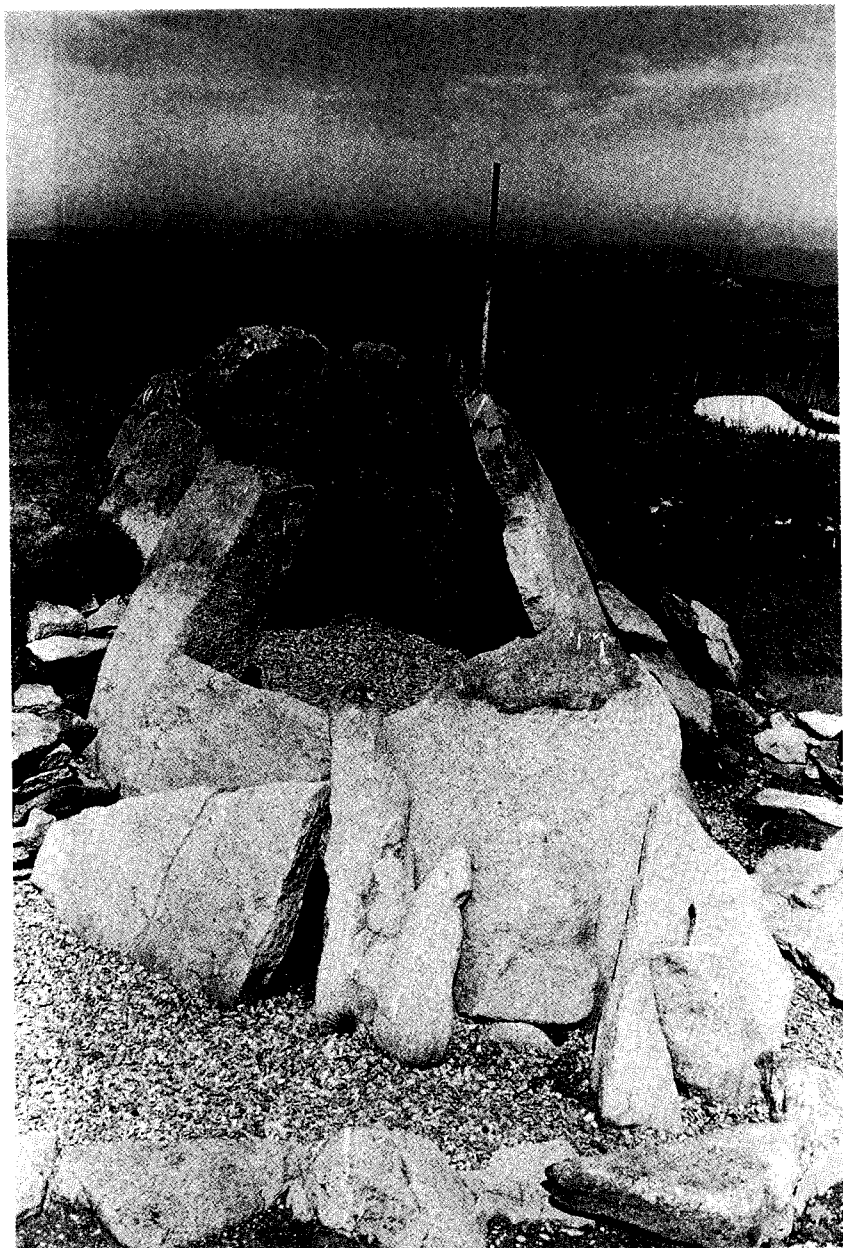


Fig. 2 – Mamoa 1 do Alto da Portela do Pau (Castro Laboreiro, Melgaço).
Escavada em 1992 e publicada em 1995. Foto V. O. Jorge

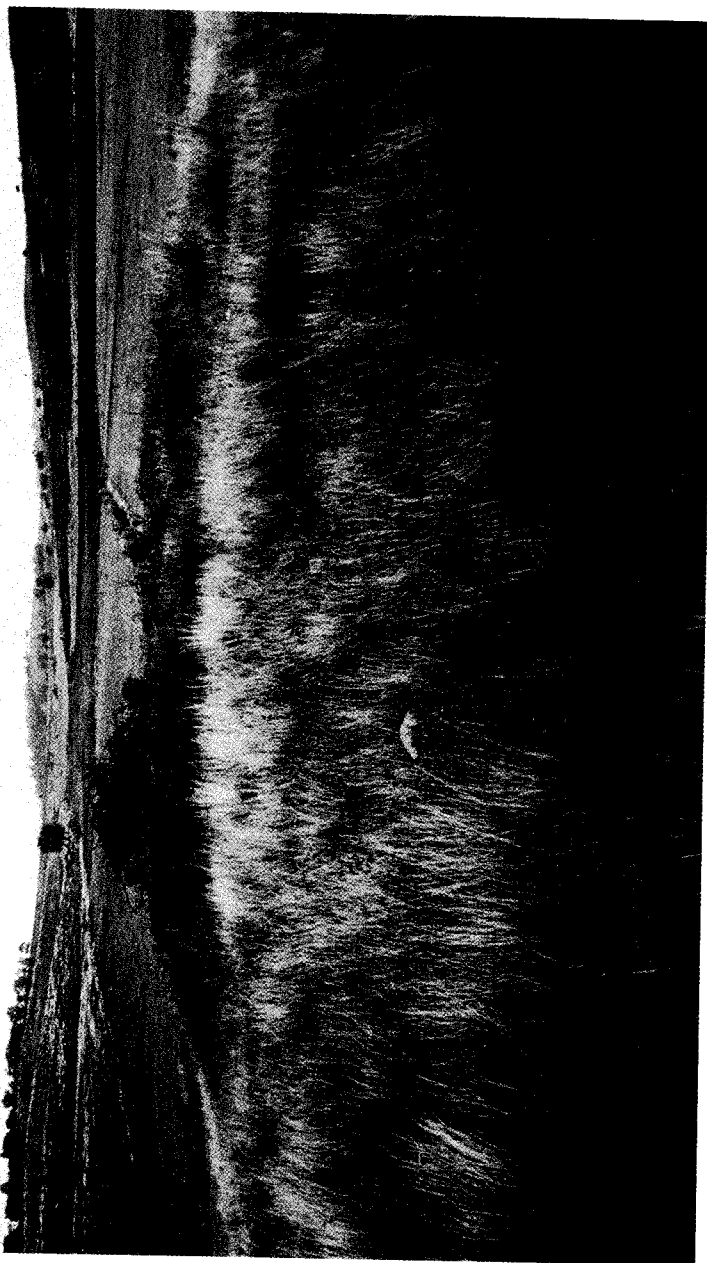


Fig. 3 – Mamoa nas imediações de Macedo de Cavaleiros. A precisar urgentemente de estudo e valorização. Foto de V. O. Jorge.